

SAVANA

INDEPENDÊNCIA ★ INTEGRIDADE



Maputo, 13 de Dezembro de 2024 • ANO XXX • Nº 1614 • Preço: 60,00 Mt • Moçambique

Savana FM 100.2 Mhz • www.savana.co.mz • [email:savana@mediacoop.co.mz](mailto:savana@mediacoop.co.mz)

DEPÓSITO MILLENNIUM 4X4

Curte o verão ao **máximo**

Constitua um Depósito Millennium 4x4 e habilite-se ao sorteio destes prémios.



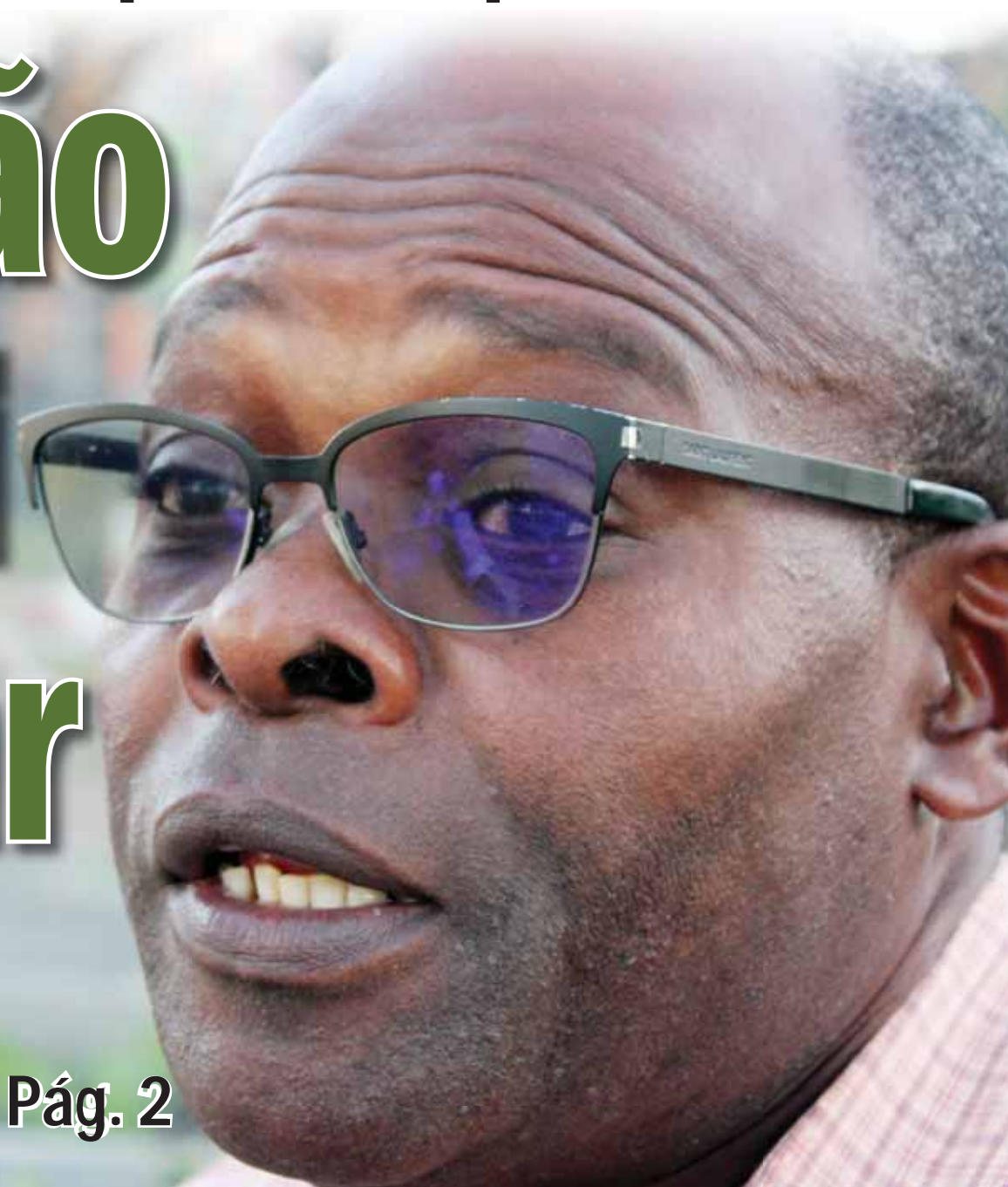
Termos e Condições aplicáveis. Campanha válida até 31 de Dezembro. Consulte o regulamento em www.millenniumbim.co.mz



Roberto Tibana e os protestos pós-eleitorais

Solução legal vai agravar caos

Pág. 2



Manifestações:

Mina de grafite de Balama suspende actividade

Última

SE TENS 16 A 25 ANOS VAIS GRAMAR!

ACTIVA JÁ O TEU PACOTE JOVEM E CURTE A DRENA

DIGITA *212# A PARTIR DE 5MT-350MB

tmcel

Termos e condições aplicáveis

Roberto Tibana e as manifestações

Solução legal vai agravar o caos

O economista moçambicano Roberto Tibana alertou para o agravamento do caos, na sequência das manifestações contra os resultados das eleições gerais de 9 de Outubro passado, caso a solução legal se imponha sobre a política, assinalando que os tumultos são inevitáveis, quando há revolta popular.

Tibana falava durante o “webinar” “Desobediência civil e governabilidade”, promovido na quarta-feira pelo Observatório do Meio Rural (OMR), uma organização não governamental (ONG) moçambicana. “É uma revolta popular e tem que ter solução política. Se se compreender apenas sob o ponto de vista legal, vai se exacerbar”, enfatizou.

A Procuradoria-Geral da República (PGR) abriu um processo-crime contra Venâncio Mondlane, acusando o candidato presidencial de “conspiração” para a “alteração violenta do Estado de direito”. Mondlane tem também sobre as costas duas acções cíveis. A primeira acção foi apresentada pelo Ministério Público (MP), no Tribunal Judicial da Cidade de Maputo (TJCM), neste caso só referente a prejuízos na cidade capital, pedindo uma indemnização de 32.377.276,46 meticais (usd505.8 mil). Já a segunda acção foi apresentada junto do Tribunal Judicial da Província de Maputo (TJPM), no valor de 105.421.448,18 meticais (usd1.6 milhões), sobre os prejuízos provocados nos protestos pós-eleitorais.

Os processos criminais e cíveis contra Venâncio Mondlane geraram uma série de receios de que, uma

vez em Maputo para diálogo-político com o Presidente da República e outros candidatos presidenciais, poderia ser preso.

Contudo, esta semana, uma importante fonte governamental garantiu que não havia nenhum mandado de captura, contra o candidato presidencial do Podemos, Venâncio Mondlane.

Tempos depois, veio ao público o Presidente do Tribunal Supremo (TS), Adelino Muchanga, afirmar que não existe um mandado de captura contra Mondlane. Mas em sectores críticos há quem argumenta que estes exercícios visam atrair Mondlane para Moçambique para, uma vez cá, rapidamente se emitir um mandado de captura.

No entanto, nesta quarta-feira, terminou a quarta fase da quarta etapa de protestos convocadas por Venâncio Mondlane, denominadas 4x4, manifestações que geraram um caos generalizado, onde sedes do partido Frelimo e esquadras foram incendiadas e lojas saqueadas. Vários manifestantes também foram mortos.

Mondlane voltará a falar na próxima segunda-feira, onde se espera que anuncie uma vaga de manifestações, antes da validação e proclamação dos resultados pelo Conselho Constitucional (CC). Mas ao que apurámos, para além de conversas e reuniões formais que estão a decorrer entre o Presidente da República, Filipe Nyusi, e vários segmentos da sociedade, há canais informais que foram activados para se chegar à fala directa com Venâncio Mondlane.

Em meios reservados, apurámos, Filipe Nyusi tem dito que “gerir uma



“Tumultos são inevitáveis, quando acontecem levantamentos populares”, Roberto Tibana

confusão” quando se está às portas do fim de mandato “é complicado”, porque não pode assumir grandes compromissos, lembrando que na época do diálogo com Afonso Dhlakama era menos complexo já que estava em início da sua administração. Nos vários encontros que tem mantido com vários segmentos da sociedade também tem dito que há um esforço para que até dia 23 de Dezembro (data em que, provavelmente, o CC irá anunciar os resultados) a situação seja diferente, manifestando vontade para um frente a frente com Venâncio Mondlane. Nyusi tem sinalizado que tal encontro seria “vantajoso”. Em vários sectores de opinião argumenta-se que caso não haja um acordo político, sobretudo, com Mondlane antes da validação e proclamação dos resultados eleitorais pelo CC, haverá um “banho de sangue”.

“Tumultos são inevitáveis”

Sobre os tumultos na sequência das manifestações convocadas por Venâncio, Roberto Tibana entende que “são inevitáveis”, quando acontecem levantamentos populares, recordando que os jovens do período da independência bloquearam vias de acesso e queimaram lojas na antiga Lourenço Marques (actual Maputo), quando um grupo de colonos portugueses tentou travar o caminho para a independência de Moçambique, na sequência dos Acordos de Lusaka, assinados em 07 de Setembro de 1974.

“Queimaram-se duas lojas e salvamos quatro lojas, porque o comércio cessou, temos que compreender estes movimentos de tomada de poder, é justo que a juventude se levante e diga que ‘queremos falar’”, enfatizou.

As lojas foram queimadas na periferia da então Lourenço Marques, no contexto das acções dos jovens, maioritariamente negros, contra os distúrbios provocados pelos sectores da população branca que eram contra os Acordos de Lusaka.

Os tumultos, que estão a acontecer nas actuais manifestações, são a repetição dos episódios de violência que ocorreram nessa altura, reflectindo o desejo da população pela mudança, prosseguiu.

“O que se passa ali [na zona de Maquinag, Bairro Luís Cabral], em termos de força, reflecte a intensidade dos problemas socioeconómicos que nunca foram resolvidos, só pioraram”, destacou Roberto Tibana.

A sociologia dessa zona, que é um microcosmo do que acontece noutras áreas do país, foi sempre caracterizada por muita miséria e desemprego e com um demografia multifacetada e multiétnica, prosseguiu Tibana.

“É uma zona de população pobre, emigrada, uma mescla de cultura, inclusivamente cultura violenta, esta é a sociologia, muito mais pobre”, realçou.

Egídio Chaimite, doutorado em Estudos de Desenvolvimento, defendeu que as cenas de violência protagonizadas por manifestantes na província de Gaza, um “bastião” da Frelimo, mostram que as “vitórias retumbantes e esmagadoras” são, relativamente, resultado de “manipulação”.

Presente em alguns pontos da província de Gaza, durante 18 meses, para estudar a dinâmica eleitoral, diz que registou casos de mesas em que não votaram mais de 20 pessoas, mas o resultado final dava nota de 400 eleitores que exerceram o direito de escolha.

“Não vi movimento [de eleitores], mas quando se afixaram os editais, já tinha 400 eleitores”, constatou aquele académico.

O presidente da mesa onde ocorreu esse caso, disse: “trabalhamos bem, tínhamos só 20 eleitores”, recorda.

Para Egídio Chaimite, o alcance do sentido de “trabalhamos bem” era de manipulação.

“Estes dados de 20 eleitores para 400 apontam uma participação de 98%, mas, na verdade, a participação é de 5%, o que significa que 93% é resultado de enchimento”, sublinhou Chaimite.

A Frelimo, prosseguiu, sente que tem necessidade de protagonizar o enchimento de urnas mesmo em assembleias de voto de um círculo eleitoral como a província de Gaza, que é tida como “o coração” do partido no poder.

“Há necessidade de fraude para garantir vitórias esmagadoras, retumbantes, que são a imagem de hegemonia naquela província. É uma hegemonia construída com base em falsidade, e quando há fraude, põe-se em causa a legitimidade e Gaza não é excepção”, frisou, ao dissecar sobre a forte mobilização de manifestações em alguns pontos daquela região de Moçambique.

Conselho de Estado:

Órgãos eleitorais devem ser “despartidatizados”

- Guebuza entrou mudo e saiu calado

O Conselho de Estado (CdE) considera que a crise pós-eleitoral que Moçambique enfrenta desafia o país a empreender reformas profundas, como a revisão atempada e inclusiva da lei eleitoral e a despartidarização e profissionalização dos órgãos de gestão eleitoral, numa reunião em que o antigo chefe de Estado, Armando Guebuza, “entrou mudo e saiu calado”.

A posição daquele órgão de consulta de chefe de Estado está inserida no comunicado final da sessão que o órgão realizou na quarta-feira, que, segundo uma fonte, “não reflecte em profundidade o que se discutiu no encontro”.

A referência à despartidarização dos órgãos eleitorais é a primeira que o Conselho de Estado faz, não havendo registo de uma menção do género no passado.

Aquela entidade repisa ainda que devem ser adoptadas medi-

das conducentes à promoção de transparência e credibilização dos processos eleitorais. Contudo, a mesma fonte assinalou que um membro do CdE defendeu que o Conselho Constitucional (CC) devia publicar os resultados “depois faz-se a gestão das eventuais manifestações”.

A fonte que temos estado a fazer referência disse que Lúcia Ribeiro, a Presidente do CC, fez uma intervenção que parecia que já tinha uma decisão tomada, enquanto o membro Abdul Magid Ibrahim, proposto pela Renamo, defendeu a anulação das eleições. O antigo chefe de Estado, Joaquim Chissano, no seu estilo característico, andou aos rodeios, afirmando que é preciso recuar aos anos 70 para se recuperar lições sobre “educação patriótica”.

Já a presidente da Assembleia da República, Esperança Dias, saudou o desempenho das Forças de Defesa e Segurança (FDS) no

Teatro Operacional Norte. Graça Machel e Alberto Chipande não estiveram na reunião.

Proposta de soluções

O comunicado do CdE faz referência a apelos aos partidos políticos, confissões religiosas, academia e à sociedade civil para proporem soluções para os problemas que o país atravessa, visando a promoção e consolidação da coesão social.

Sobre as manifestações que assolam o país, o Conselho de Estado condenou veementemente a extrema violência que se consubstancia na destruição de infra-estruturas públicas e privadas, bloqueio de vias, ataques a subunidades da Polícia da República de Moçambique e vandalização de estabelecimentos comerciais, facto que contribui para a fragilização da economia nacional. Mas a nossa fonte salientou que na reunião houve referência as mortes de manifestantes causadas pela Polícia, mas o comunicado preferiu

ignorar.

“Neste contexto, as Forças de Defesa e Segurança devem envidar esforços no sentido de garantir o normal funcionamento das instituições e da vida dos moçambicanos”, lê-se na nota.

O órgão repudiou igualmente o envolvimento de crianças e adolescentes em ilícitos criminais associados às manifestações e apelou aos pais e encarregados de educação para que tomem medidas que refreiem o envolvimento destas faixas etárias em actos que podem comprometer o desenvolvimento da sua personalidade.

Sobre a guerra na província de Cabo Delgado, norte de Moçambique, o Conselho de Estado felicitou as Forças de Defesa e Segurança e a contraparte ruandesa pelos resultados alcançados no combate ao terrorismo no Teatro Operacional Norte, bem como na melhoria da protecção dos moçambicanos e dos seus bens.

Khongolote

Polícia mata homem à porta de casa

Por Cleto Duarte

Agentes da Polícia da República de Moçambique (PRM) mataram a tiro Mudau José Saia, de 38 anos, perto da sua casa, a 170 metros de distância do local de confrontos com manifestantes, por volta das 13:00, na tarde da última sexta-feira.

A vítima deixa uma viúva e duas crianças órfãs e toda uma família que clama por justiça. A Polícia recusou-se a emitir uma guia de transporte do corpo para a morgue. Mudau José Saia nasceu em 18 de Fevereiro de 1986, no Bairro de Laulane, em Maputo, e desde criança era conhecido pela sua bondade e sentido de responsabilidade. Frequentou o Instituto Comercial de Maputo, onde cursou contabilidade.

“Ele gostava de ajudar. Quando via alguém fazendo maldade, chamava a atenção”, lembra Celeste Gabriel, mãe de José.

Já adulto, Mudau começou a viver maritalmente com Salmina Alice Mazanga e tornou-se pai de duas meninas, com idades entre os 6 e os 11 anos, com a última a frequentar 6ª classe.

“Quem vai pagar a renda? Quem vai dar comida para as crianças? Quem vai pagar os uniformes e livros da escola?”, questiona Celeste Gabriel, lembrando que a viúva não trabalha e que Mudau era o principal provedor da família.

Descrito como um pai presente e trabalhador, foi forneiro de padaria e motorista, primeiro numa carpintaria e depois num semi-colectivo de passageiros, há três anos.

Durante a conversa com o **SAVANA**, Salmina observava de forma analítica a sua filha de 11 anos, que caminhava no quintal em direcção a outras crianças.

“O pai tinha um projecto de levar as crianças para a faculdade. O objectivo dele era sairmos dessa casa de aluguer. Ele queria nos dar uma vida melhor”, declarou a viúva, ainda emocionada.

Mudau José estava a finalizar a sua nova residência, que se encontra com 95% de acabamento, faltando apenas a colocação de janelas e reboco.

Supostos manifestantes aterrorizam Khongolote

Durante uma operação contra supostos manifestantes que se di-



Mudau José estava a finalizar a sua nova residência, que se encontra com 95% de acabamento

rigiam ao posto policial, agentes entraram em confronto com protestantes pacíficos no mercado de Khongolote.

Depois de um grupo de alegados manifestantes, empunhando uma espingarda e uma pistola, ter assaltado e incendiado o Posto Policial de Khongolote, sob a observação de uma avioneta e de um helicóptero da PRM, durante cerca de 35 minutos, na tarde da passada quinta-feira, a PRM mobilizou duas viaturas Mahindra com agentes para reforçar a segurança no bairro.

Antes dos disparos, os moradores alertaram os agentes sobre a presença de crianças e idosos na zona, mas a Polícia insistiu em abordá-los com tiros e gás lacrimogêneo.

A tranquilidade na casa de Mudau foi interrompida pelos gritos de “ladão, ladão”. Três homens, entre vários supostos manifestantes, estavam a ser perseguidos pela vizinhança, acusados de roubar bens às pessoas.

No entanto, Mudau estava na presença do seu mecânico, a consertar o “minibus”, no muro da sua casa, quando saiu para entender o que estava a acontecer junto à sua companhia e duas filhas, que estavam no portão.

“De repente, a Polícia começou a lançar gás lacrimogêneo. Eu estava com as crianças e com ele. Depois, puxei-o para dentro do muro. Vi-o olhar para mim. Quando olhei para ele, ele fechou os olhos. A minha mão estava cheia de sangue. Ele caiu logo ali mesmo”, relatou a viúva, que já havia adquirido um vestido de casamento e esperava pelo mês de Janeiro para marcar a data. Segundo a fonte, ela não ouviu o som do tiro, mas a Polícia disparou de uma distância de 170 metros.

O **SAVANA** mediu essa distância com recurso ao Google Maps, do ponto onde a Polícia estava até ao local onde foi atingida a vítima, no coração.

Segundo o mecânico, José já estava sem vida, quando foi levado ao Hospital de Ndlavela, no município da Matola, mas a viagem até lá foi um verdadeiro desafio.

“As ruas estavam bloqueadas por manifestantes e enfrentar as barricadas, foi difícil. Nós explicávamos que havia uma pessoa ferida gravemente no carro, mas muitos não cediam”, contou.

Alguns manifestantes aproximavam-se do carro para verificarem que se tratava de um ferido.

No Centro de Saúde de Ndlavela, na Matola, os profissionais de saúde exigiram uma guia da Polícia para transportar o corpo para a morgue, o que levou a família ao posto policial T-3, responsável pela operação.

Por sua vez, os agentes do T-3 recusaram-se a emitir a documentação, alegando que o caso devia ser tratado na primeira esquadra, localizada no centro da cidade da Matola.


CHRISTIE'S
 AT 32 ON RUSSELL

Experimente o Luxa
Experience Luxury

LUXURY ROOMS / QUARTOS LUXUOSOS | BOARDROOM / SALA DE REUNIOES
 HEALTH & BEAUTY SPA / SPA DE SAUDE E BELEZA | RESTAURANT / RESTAURANTE
 WEDDING CHAPEL / CAPELA DE CASAMENTOS | EVENT VENUE / LOCAL DO EVENTO

BOOKINGS ARE ESSENTIAL +27 (0)13 755 3169 WWW.CHRISTIES32ONRUSSELL.CO.ZA
 RESERVAS SAO ESSENCIAIS 32 ON RUSSELL STREET, MBOMBELA

Contencioso eleitoral

Metodologia do CC posta em causa

Por Argunaldo Nhampossa

O Partido Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique (Podemos) e a Renamo consideram que a metodologia aplicada pelo Conselho Constitucional (CC) na reverificação das actas e editais com vista ao esclarecimento das discrepâncias dos resultados das últimas eleições não contribuiu para o alcance da verdade eleitoral.

Sem descurar a abertura das urnas para a recontagem de votos, visto que muitos dos editais foram falsificados, os partidos políticos ouvidos pelo CC esta semana defendem que a confrontação dos resultados devia ser feita na presença das partes interessadas, como é o caso de mandatários dos partidos políticos, delegados de candidaturas e observadores.

O CC diz que, por se tratar de um órgão jurisdicional, não há espaço para a entrada de observação eleitoral.

Pressionado pela tensão política pós-eleitoral, que desde o passado dia 21 de Outubro mergulhou o país num caos, o CC abriu uma “frente diplomática”, com o intuito de amainar os ânimos dos moçambicanos.

Primeiro, convocou a imprensa para explicar os contornos do trabalho que está a fazer rumo ao anúncio dos resultados das eleições do passado dia 9 de Outubro.

Esta semana iniciou uma jornada de encontros com partidos políticos concorrentes às eleições, que tenham submetido recursos contenciosos.

Os encontros são vistos como uma plataforma encontrada pelo CC para preparar as almas e as mentes dos moçambicanos em relação ao que vai acontecer nos próximos dias.

Como se sabe, Venâncio Mondlane, candidato suportado pelo Podemos, reclama vitória eleitoral, numa clara contestação aos resultados anunciados pela CNE. Como consequência disso, está a promover uma série de manifestações visando a reposição do que qualifica como verdade eleitoral, que tem deixado um rasto de vio-



Podemos considera que a reverificação de actas e editais devia incluir observadores

lência, destruição e assassinatos. Esta terça-feira, um dia antes do fim da “Fase 4x4”, através de uma *live* na sua conta de *Facebook*, Mondlane anunciou a sua tomada de posse, como presidente eleito, no 15 de Janeiro de 2025.

O Podemos, que suportou a candidatura de Venâncio Mondlane, apresentou cinco recursos de contencioso, facto que, segundo a presidente do CC, Lúcia Ribeiro, contribuiu para que fosse o primeiro a entrar em cena esta quarta-feira.

Naquilo que designou de “encontro de café que se chama água”, Lúcia Ribeiro explicou que o órgão que dirige está a reverificar as actas e editais com vista ao alcance da verdade eleitoral, tendo em conta as discrepâncias de dados constatadas em todo o escrutínio eleitoral.

“A nossa metodologia consiste na comparação da actas e editais da Comissão Nacional de Eleições, com as actas editais de partidos políticos para podermos ver onde é que há essa discrepância. É com esta verificação que pensamos que vamos encontrar a tal verdade eleitoral”, explicou.

Acrescentou que o CC foi buscar as actas e editais da centralização do apuramento parcial, nas mesas de votação, sublinhando que aqueles documentos são cruciais para perceber onde é que começa o problema, destacando que aqueles documentos tratarão alguma verdade.

De forma mais precisa, esclareceu que se a acta e o edital da CNE tiverem rasuras, não serão validados, prevalecendo os documentos dos partidos políticos, se forem claros e vice-versa.

Advertiu que com a aplicação desta metodologia, é possível que os números finais não sejam idênticos aos anunciados pela CNE, pelo facto de aqueles números terem sofrido várias centralizações.

Relativamente à demora no anúncio dos resultados eleitorais, a presidente do CC socorreu-se do número 2 do artigo 184 da CRM, que estabelece que a Assembleia da República toma posse 20 dias depois da validação e proclamação dos resultados eleitorais, cenário que empurra o anúncio dos resultados para o próximo dia 23 de Dezembro próximo.

Referiu que mesmo que o trabalho de reverificação dos resultados tivesse sido concluído, o CC não tinha como anunciar os resultados, tendo em conta essa condicionante constitucional.

A presidente do CC entende que é preciso reflectir em torno dos prazos de validação e proclamação dos resultados no país. Esclareceu que há países em que começam pela validação e proclamação dos resultados, sendo que o processo de contencioso vai ocorrer a posteriori.

Disse que o modelo moçambicano preconiza que tem que se esgotar, primeiro, o contencioso e só depois disso se avança para a proclamação.

Desconfiamos das instituições - Podemos

O presidente do Podemos, Albino Forquilha, manifestou a sua preocupação com a metodologia usada pelo CC, para sanar as discrepâncias de números e o consequente esclarecimento da verdade eleitoral.

Segundo Forquilha, para a busca da verdade eleitoral, era importante que houvesse outros intervenientes, como é o caso de partidos políticos, observadores nacionais e jornalistas, como determina a lei eleitoral.

Isto, refere, iria garantir que houve tantos olhos na reverificação daquilo que será divulgado pelo CC. “Esperávamos que o processo, estando aqui, tivesse uma comissão de trabalho, porque estamos à procura da verdade eleitoral, essa equipa iria verificar convosco para que, chegado ao fim, todos saibam como foi conduzido. Conhecemos a composição do CC”, disse.

Em jeito de resposta, Lúcia Ribeiro disse que o processo político termina na CNE, onde há abertura para observadores.

Afirmou que o CC funciona como um tribunal eleitoral, onde não cabe a entrada de observadores e nem sabe como isso iria funcionar. “Será que iríamos colocar uma cadeira para o observador no gabinete de um juiz conselheiro para verificar cada papel?”, indagou.

Com a metodologia apresentada pelo CC, Forquilha diz que será difícil aferir a verdade eleitoral, porque o CC vai trabalhar sozinho, sem a comparticipação de outros actores interessados.

“Temos, infelizmente, alguma desconfiança das instituições que gerem estes processos e se calhar não estaríamos neste barulho se houvesse confiança. Mas também se sabe que as decisões do CC são irrecorríveis, e, havendo outros olhos, seria importante na reverificação”, afirmou.

O presidente do Podemos sublinhou que, para o momento que o país atravessa, as deliberações do CC são importantes, para a pacificação do país, através da transparência. Albino Forquilha avançou que, com as explicações feitas pelo CC, ainda não tem segurança de que haverá verdade eleitoral.

“Ainda não tenho segurança, mas vamos ver”, repisou.

A equipa do Podemos gerou dores de cabeça ao CC, apesar de ter ido ao encontro sem um agenda prévia.

Dinis Tivane, porta-voz do Podemos, que também integrava a comitiva que foi ao CC, precisou que uma análise baseada apenas na confrontação de editais da CNE e dos partidos políticos, sem abrir as urnas para a recontagem de votos

não vai ajudar muito na busca da verdade eleitoral.

Alegou que o grosso dos editais tornados públicos já estava adulterado.

“Se estão a descer para o apuramento parcial, por que não abrir as urnas para uma melhor reverificação. Como é que vão aferir se a acta da CNE é digna de ser escrutinada como válida, sem abrir a urna? Isso devia ser escrutinado nesse congresso entre CC, CNE e mandatários”, anotou.

Outra indignação do Podemos está relacionada com a falta de resposta dos seus recursos de contenciosos submetidos ao CC.

O partido entende que o CC está a coarctar o direito de resposta aos seus recursos, ao remetê-los apenas à fase de validação dos resultados.

Estabilidade do país nas mãos do CC - Renamo

Esta quinta-feira, o CC recebeu a delegação da Renamo, que submeteu dois processos de recursos de contencioso eleitoral, pedindo a recontagem de votos e anulação de eleições em alguns distritos.

A Renamo joga no CC a sua última cartada, para voltar a ser um partido com relevância no parlamento.

A mandatária da Renamo, Glória Salvador, entende que o trabalho que o CC está a fazer agora deveria ter sido feito ao nível da base pelas comissões distritais e provinciais de eleições.

Considera que será difícil o CC trazer a verdade eleitoral, pois não vai conseguir fazer a recontagem de votos, com o agravante de os editais e actas apresentarem inúmeras irregularidades.

“A nossa expectativa é que a verdade eleitoral satisfaça a vontade do povo. Que haja um tratamento satisfatório, que nos tire da situação em que estamos mergulhados”, afirmou.

Exortou ao cumprimento escrupuloso dos procedimentos que norteiam a realização das eleições. A mandatária da Renamo declarou depositar a sua confiança no CC, embora nas últimas eleições autárquicas tenha usurpado 20 municípios que a Renamo havia ganho.

Por seu turno, Saimone Macuiana, que acompanhava a mandatária do partido no encontro com o CC, centrou o seu discurso na estabilização do país.

“Pensamos que este processo está nas mãos do CC, que entendemos que é um órgão competente até que prove o contrário e que trata o assunto com seriedade, em nome da estabilidade e da paz no país”, disse.

Segundo Macuiana, o país está nas mãos do CC e este deve usar da sua competência e sabedoria para estabilizar o país, apelando igualmente ao respeito dos resultados.



Glória Salvador mandatária da Renamo

França e Moçambique, parceiros empenhados em favor da economia azul



Secagem de peixe miúdo na comunidade de Thungo, distrito de Lago Niassa

A França, país oceânico com a segunda maior zona económica exclusiva do mundo, está há bastante tempo empenhada na protecção dos mares e oceanos. Em Moçambique, a cooperação bilateral está alinhada com uma visão comum: proteger os ecossistemas marinhos ao mesmo tempo que se promove uma economia azul sustentável e inclusiva. A Embaixada de França contribui concretamente para a realização desses objectivos partilhados com o governo e a sociedade civil moçambicana. Nesse contexto a embaixada financiou, entre 2022 e 2024, um projecto de cerca de 500.000 Euros para acompanhar a criação dos tribunais marítimos, através da formação em direito do mar para os dos magistrados chamados a exercer nesses tribunais. A França apoia também, desde 2023, iniciativas locais que visam melhorar as condições de vida das comunidades de pescadores artesanais no mar e águas interiores.

O programa PISCCA, um apoio à pesca artesanal sustentável e responsável

A França apoia, com mais de 35,5 Milhões de Meticais, um programa de dá suporte à sociedade civil dedicado ao apoio à pesca artesanal sustentável no mar e águas interiores. Denominado PISCCA - Projectos Inovadores da Sociedade Civil e Coligações de Actores - este programa é implementado desde 2023, por dois anos, em estreita ligação com o Ministério do Mar, Águas Interiores e Pesca (MIMAIP) na monitoria das actividades das seis organizações da sociedade civil beneficiárias (OSC): Associação de Jovens Agricultores de Tete (AJAT), Associação Moçambicana de Reciclagem (AMOR), KUWUKA JDA (Juventude Desenvolvimento e Defesa do Ambiente), Grupo de Saneamento de Bilibiza (GSB), Associação de Parceiros Comunitários (APARCO) e Solidariedade Moçambique (SOLDMOZ). Estas associações realizam as suas actividades em cinco províncias do país, respectivamente Tete, Maputo, Niassa, Inhambane e Nampula. Os seus projectos contribuem globalmente para:

- melhorar o rendimento dos produtos da pesca artesanal;
- apoiar as comunidades de mulheres na venda de peixe;
- combater a poluição costeira e as ferramentas de pesca prejudiciais ao ambiente;
- sensibilizar as comunidades, em especial os alunos, sobre a poluição por plástico e a regulamentação sobre da pesca.

Na última Quinta-Feira, 12 de Dezembro de 2024, realizou-se o Comité de Direcção intermédio do programa. O mesmo reuniu, sob a codireção do embaixador de França e do representante do MIMAIP, as seis OSC beneficiárias, o gabinete de consultoria Resolves que presta assistência técnica, a Associação MUVA que apoia a coordenação da execução das actividades, bem como parceiros técnicos e doadores do sector. Os primeiros resultados apresentados nesse comité são promissores:

- AMOR já recolheu 150 toneladas de resíduos sólidos na APAM (Área de Protecção Ambiental de Maputo);
- GSB apoiou a criação de uma cooperativa de 54 mulheres envolvidas na cadeia de valor da pesca artesanal no distrito de Lago;
- KUWUKA JDA revitalizou 2 Conselhos Comunitários de Pesca (CCPs) no distrito de Matutuíne;
- APARCO sensibilizou 6.500 alunos de 8 escolas para as boas práticas ambientais no distrito de Vilankulo
- SOLDMOZ promoveu a criação de 5 grupos de pou-

pança e crédito rotativo no distrito de Moma.
- A AJAT promoveu o acesso a rendimentos alternativos à pesca, através da construção de 3 pavilhões avícolas com 500 bicos cada.

Próximos encontros: Mar Nosso e conferência das Nações Unidas sobre o Oceano

Desde 2014, o evento Mar Nosso, organizado pela Embaixada de França e os seus parceiros moçambicanos promove a cooperação bilateral no domínio do mar. Este programa anual de celebração do mar visa sensibilizar os agentes do sector e o público em geral, nomeadamente os mais jovens, para as questões da economia azul.

A próxima edição, prevista para 14 de Fevereiro de 2025 no Museu do Mar e aberta ao público, oferecerá uma programação lúdico-pedagógica que inclui:

- três conferências sobre (1) o papel das mulheres na economia azul ministrado pela associação MUVA, (2) a biodiversidade marinha em Moçambique, pelo professor Almeida Guissamulo e (3) a regulamentação em matéria de conservação marinha em Moçambique, pelo INAMAR;
- um espetáculo de dança pela companhia JaFeCa Libertação, em honra das tradições costeiras moçambicanas;
- o anúncio dos vencedores do concurso artístico "Mulheres na economia azul", cujas obras serão expostas e comentadas nessa ocasião.

O ano de 2025 também será marcado pela terceira Conferência das Nações Unidas sobre o Oceano, organizada conjuntamente pela França e a Costa Rica, de 9 a 13 de Junho de 2025, em Nice, França e que reunirá dirigentes políticos, empresários, cientistas e activistas da sociedade civil de todo o mundo. Esta conferência visa promover a protecção do bem comum que é o oceano, através da adopção de um quadro normativo específico (luta contra o plástico, descarbonização do transporte marítimo, protecção do alto mar, etc.), a conexão entre os cientistas do mundo marinho (criação de uma rede de universidades marinhas, de uma aliança de agências espaciais para a protecção dos oceanos, etc.) e iniciativas políticas tais como a criação de uma coligação de cidades e regiões sobre resiliência costeira e elevação do nível do mar.

Neste contexto, a Embaixada da França apoia o projecto da Cooperativa de Educação Ambiental *Repensar* para a conservação e uso sustentável dos ecossistemas marinhos e costeiros da Macaneta. Em consonância com os debates de Nice, as acções realizadas visarão combater a erosão costeira (através da protecção das dunas e restauração dos manguais) e os resíduos plásticos e sensibilizar as comunidades para a protecção ambiental e a pesca sustentável. Este projecto, de um montante de 2 Milhões de Meticais, será implementado entre Dezembro de 2024 e Agosto de 2025. Os primeiros resultados, que deverão ser apresentados na conferência, irão realçar o compromisso conjunto da França e de Moçambique em favor da protecção e valorização dos ecossistemas costeiros.



Construção de saquetas para produção de mexilhões em Santa Maria, distrito de Matutuíne

Guerra em Cabo Delgado

Insurgentes assaltam esquadra da Polícia

- por outro lado, insurgência leva à interrupção da circulação na principal estrada que liga Pemba e o Norte da província

Por Armando Nhantumbo

Enquanto as atenções continuam viradas ao caos pós-eleitoral, os insurgentes, em Cabo Delgado, também não desarmam. Embora muitas vezes longe dos holofotes, os “al-shabaab” continuam a causar terror, um pouco por toda a província. Na semana passada, eles foram ao extremo de assaltar uma esquadra da Polícia da República de Moçambique (PRM), no distrito de Meluco. Esta semana, os insurgentes levaram à interrupção da circulação na Estrada Nacional Número 380 (EN380), uma importante via que liga a capital provincial de Cabo Delgado aos distritos do Norte da província.

O ataque de Meluco ocorreu no posto administrativo de Muaguide. Foi por volta das 18 horas do último sábado quando os insurgentes lançaram um ataque contra o posto policial de Muaguide. Não houve registo de vítimas mortais, mas, pelo menos um agente da Polícia ficou ferido. De acordo com o Jornal Ikweli, uma publicação editada na cidade de Nampula, agentes da Polícia abandonaram o posto devido à intensificação de disparos pelos “al-shabaab”. Como consequência do ataque, o posto policial foi consumido pelo fogo. Imagens a que o SAVANA teve acesso mostram o interior do posto a ser devorado pelo fogo. No local, os insurgentes terão se apoderado de armamento em quantidade não especificada.

Acto contínuo, os “al-shabaab” destruíram a casa do chefe do posto. O Estado Islâmico reivindicou, nos seus canais de propaganda, o ataque a Muaguide. Embora sem registo de vítimas mortais, o ataque contra um posto policial mostra a ousadia de uma insurgência que, sete anos depois, continua longe do fim. Mesmo com a intervenção das tropas estrangeiras, incluindo do Ruanda, que vieram a Moçambique para combater a insurgência, os “al-shabaab” continuam com capacidade de desestabilizar o Norte de Moçambique, ao extremo de atacarem postos policiais.

Além da posto policial e da casa do chefe do chefe do posto, os insurgentes também saquearam medicamentos no posto de saúde local. Também houve relatos não confirmados de um ataque contra uma ambulância de Meluco, no troço Muaguide e Mariria. Além das instituições públicas, os insurgentes saquearam, em Muaguide, diversos estabelecimentos comerciais privados, apoderando-se de produtos alimentares. Aliás, fontes locais deram conta de que, depois dos ataques na sede do posto administrativo, os insurgentes terão se dirigido ao povoado Mariria, situado a cerca de um quilómetro de Meluco sede, onde também terão saqueado produtos da primeira necessidade em duas barracas, tendo, igualmente, incendiado duas residências de populares. Entretanto, em Mariria não



Insurgente morto estava fortemente armado e vestido de fardamento das Forças de Defesa e Segurança

houve relatos de vítimas humanas. Os ataques do final de semana, em Muaguide, voltaram a causar uma onda de deslocamentos, com a população a fugir para locais considerados seguros. Se alguns fugiram para aldeias vizinhas como Unguia, 19 de Outubro e Mitambo, outros foram procurar segurança na vila-sede de Meluco, cerca de 50 quilómetros de distância. O Estado Islâmico também reivindicou o ataque, ressaltando que queimou duas casas e um estabelecimento comercial, levando à fuga de populares.

Várias frentes

Fora de Meluco, a guerra, em Cabo Delgado, continua em várias frentes. Os distritos de Ancuabe, Macomia, Quissanga, Nangade, Muidumbe e Mocímboa da Praia continuam a registar ataques e uma movimentação desusada dos “al-shabaab”. Na quarta-feira desta semana, os insurgentes invadiram Miangalewa, uma localidade pertencente ao posto administrativo de Chitunda, no distrito de Muidumbe. Pelo menos dois cidadãos foram mortos durante o ataque. Os insurgentes entraram em Miangalewa entre as 17 horas e as 18 horas.

Relatos locais indicam que, por volta das 20 horas, tropas ruandesas terão ocorrido, ao local, tendo travado uma troca de tiros e levando à fuga dos insurgentes, em direcção à aldeia Inguri. No entanto, na madrugada desta 5ª feira, 12 de Dezembro, os insurgentes voltaram a escalar a mesma aldeia. Até por volta das cinco horas da manhã de quinta-feira, ainda se ouviam disparos, em Miangalewa. Pelo menos até às sete horas e 30 minutos, os insurgentes continuavam na sede da localidade. Esta quinta-feira, o Estado Islâmico (EI) reivindicou, nos seus canais de propaganda, o ataque contra uma “vila crista”, como o Daesh se refere às áreas e comunidades que percebe não serem fiéis ao islão radical. De acordo com o EI, além de “dois cristãos mortos”, o ataque resultou no incendio de várias casas e barracas.

No entanto, o SAVANA sabe que, além das mortes e destruições, os insurgentes saquearam avultadas quantidades de produtos alimentares. Chegaram a usar tractores para transportar os produtos saqueados. Num dos casos mais surreais, desmontaram charrua de um tractor para montar atrelado para transportar os produtos, que são importantes para reforçar a sua logística. O ataque desta semana, em Miangalewa, também levou à interrupção da transitabilidade na EN380, a principal via que liga Pemba e o Norte da província de Cabo Delgado. A localidade de Miangalewa, ao longo da EN380, fica entre a sede do distrito de Macomia e a localidade de Nango, mais conhecida por Awasse, no entroncamento para Mocímboa da Praia e Mueda.

Além das mortes, saques e interrupção da circulação rodoviária, o ataque a Miangalewa causou um enorme alarido numa comunidade que tentava se reerguer dos ataques, depois de ter sido uma das mais fustigadas pela insurgência, nos anos passados. Consequentemente, várias pessoas abandonaram Miangalewa à procura de refúgio, nas matas. Até à manhã desta quinta-feira, 12, vários populares continuavam nas matas, sobretudo perante a falta de respostas pujantes por parte das Forças de Defesa e Segurança (FDS).

Mas o ataque desta semana, em Miangalewa, é apenas uma de várias frentes que os “al-shabaab” estão a realizar, no Norte de Cabo Delgado. Um dia antes de entrarem em Miangalewa, os insurgentes estiveram, na terça-feira, na aldeia Nagi Moja, no distrito de Mocímboa da Praia, onde terão morto uma pessoa. Já na semana passada, os insurgentes também tinham feito incursões, na Mocímboa. Estiveram em, pelo menos, quatro aldeias.

Trata-se de Nnaquidunga, onde terão ameaçado mulheres que se encontravam nas machambas, arrancando seus produtos. Na aldeia Chitolo, terão decapitado uma pessoa encontrada a serrar barrotes, nas

matas. Em Chitolo, aldeia que fica no limite entre Mocímboa da Praia e o vizinho distrito de Palma, os insurgentes também terão ameaçado populares e apoderando-se de produtos alimentares. Também passaram por Tete, uma aldeia igualmente no limite com Palma, bem como numa zona chamada Panazi. No entanto, nestas aldeias, não houve relato de vítimas mortais, além de saque de produtos alimentares e do pânico que forçou à deslocação de várias pessoas.

Mais para o sul de Cabo Delgado, os insurgentes atacaram, na semana finda, a aldeia Mopanha, no distrito de Ancuabe, queimando casas e obrigando a fuga de várias pessoas. Também na última semana, foram vistos na aldeia Quinto Congresso, em Nangade. Em finais de Novembro, os insurgentes foram vistos nos distritos de Quissanga e Metuge, este último situado à porta da cidade de Pemba, a capital provincial de Cabo Delgado. Em Quissanga, a presença de insurgentes foi reportada em aldeias como Cagembe enquanto, em Metuge, estiveram em aldeias como Pulo. Em Metuge, chegaram a saquear produtos alimentares em aldeias como Walopuana, forçando a população a abandonar.

Em Macomia, também continuam no activo. Na aldeia Novo Cabo Delgado, posto administrativo de Chai, estiveram recentemente, tendo protagonizado saque de produtos alimentares. Neste início de Dezembro, eles estiveram em Nanduli e na vizinha aldeia Monpanha, no distrito de Ancuabe, o que também levou à fuga da população. Nanduli é uma região de Ancuabe já severamente atingida pela insurgência. Por sua vez, Monpanha é a aldeia que limita Ancuabe e Quissanga. É a primeira aldeia para quem sai de Quissanga. Nesta incursão, os insurgentes saquearam alimentos, queimaram casas e atacaram uma viatura. Foi uma incursão descrita como tendo sido rápida.

Em Chiúre, também no Sul de

Cabo Delgado, os insurgentes atacaram, no final de Novembro, as aldeias Juravo e Tacuane, queimando várias casas. Na sua reivindicação, o EI referiu que seus combatentes destruíram quatro igrejas, neste ataque.

Insurgente abatido

Numa das suas incursões, os insurgentes caíram, esta semana, numa emboscada montada por uma força conjunta composta pelas Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), Polícia da República de Moçambique (PRM), Força Bilateral da Tanzânia e a Força Local. O incidente, que ocorreu esta quarta-feira, 11 de Dezembro, em Ngangolo, bairro Maimio, distrito de Nangade, resultou na morte de um insurgente. Trata-se de um moçambicano identificado pelo único nome de Guilherme, descrito como sendo próximo da liderança do grupo. Informações, a partir do terreno, indicam que o insurgente em causa era natural da aldeia Ngangolo.

De acordo com uma descrição do Comando Distrital da PRM de Nangade, a que o SAVANA teve acesso, mais três insurgentes estavam na sua companhia, mas conseguiram escapular-se. Além do insurgente morto, uma cidadã residente em Maimio foi alvejada durante a troca de tiros. A cidadã em causa, de 34 anos, cujo nome omitimos deliberadamente, foi atingida quando tentava fugir dos tiroteios, depois de ter saído de casa, na companhia das duas filhas, quando ouviu os tiros. A vítima foi prontamente socorrida e levada para o Centro de Saúde local, onde recebe tratamentos.

Imagens a que o SAVANA teve acesso mostram o corpo ensanguentado do insurgente morto. O insurgente estava fortemente armado e vestido de fardamento das Forças de Defesa e Segurança. De acordo com o Comando Distrital da PRM, em Nangade, na sequência do confronto, foi apreendida uma arma de fogo de tipo AK-47, com três carregadores contendo um total 83 munições. Também foi encontrada uma faca, além de valores monetários, fármacos, telemóvel e outros bens e produtos que estavam na posse dos insurgentes.

Fontes locais deram conta de que o grupo chegou a Ngangolo pela via Quinto Congresso, Muangaza, Mtipuedi, Naleke, passando pelas baixas de Litingina e Samora Machel. Entretanto, as Forças de Defesa e Segurança estavam em alerta sobre esta movimentação, tendo montado uma emboscada. Ao se introduzirem na aldeia, foram confrontados por tiros, o que resultou na morte de um dos elementos do grupo.

Texto produzido no âmbito do Projecto Cabo Ligado, em parceria com a ACLED, Zitamar News e media-FAX. Matéria da inteira responsabilidade do SAVANA.

Cada dia, uma nova história



DE SUCESSO.

Sempre ligados.

apoiocorporate@tvcabo.co.mz

www.tvcabo.mz/negocios

tvcabo
NEGÓCIOS



Nota Importante

NUIB

Caro Cliente do Millennium bim,
Se não tiver o NUIB, não pode receber ou movimentar valores.

Actualize o seu **BI** e **NUIT** pelo Smart IZI ou dirija-se a um dos nossos Balcões.

Em caso de dúvidas contacte **800 35 00** (Linha grátis).

Millennium
bim

aqui consigo



1. DATA DA CERIMÓNIA DE GRADUAÇÃO

14 de Dezembro de 2024

2. LOCAL DA CERIMÓNIA

CICJC-Centro Internacional de Conferências
Joaquim Chissano

3. HORÁRIO

Hora de chegada dos graduandos: 13h00min
Hora de chegada dos convidados: 13h30min
Início da cerimónia: 14:00min
Término da cerimónia: 16:30min



Av. Albert Luthuli, 408/438 • Tel.:21 302 102/16
Fax 21 302 107 • Cel: 82 305 5176 / 82 305 5167/ 82 305 5178
Email: informacao@udm.ac.mz • www.udm.ac.mz
Maputo - Moçambique



Concurso público nº IESE/004/2024 Consultoria para elaboração do Plano Estratégico do IESE 2026-2035

O IESE – Instituto de Estudos Sociais e Económicos é uma organização moçambicana de pesquisa independente, que tem como vocação principal realizar investigação científica, através dela, produzir conhecimento, capacidade intelectual e alimentar o debate público sobre questões do desenvolvimento económico, social e político de Moçambique.

1. O que procuramos:

Um(a) consultor(a) ou empresa de consultoria para facilitar a elaboração do novo plano estratégico para o período de 2026 - 2035. O novo plano estratégico deverá revisitar a visão, a missão e os objectivos da organização e estabelecer uma metodologia para o desenvolvimento de parcerias fortes e iniciativas de mobilização de recursos.

As responsabilidades do(s) consultor(es) incluirão a realização de entrevistas com colaboradores chave e a direcção do IESE, consulta a partes interessadas, consulta à materiais de apoio e compilação de relatórios, com o objectivo de:

- Analisar o actual plano estratégico para identificar constrangimentos e oportunidades de crescimento para os próximos 10 anos em função do contexto político, económico, social e tecnológico.
- Identificar prioridades estratégicas e criar planos de crescimento e desenvolvimento para os próximos dez (10) anos;
- Actualizar a teoria de mudança;
- Identificar novas fontes de financiamento para a instituição;
- Usar a abordagem de gestão baseada em resultados para alinhar a missão, a visão e os objectivos IESE

2. Principais tarefas a desenvolver

Do trabalho a realizar, destacam-se as seguintes tarefas:

- Analisar documentos da organização, incluindo avaliações ao IESE e outros instrumentos reguladores;
- Mapear o quadro regulador nacional nas áreas de pesquisa e publicações para orientar acções estratégicas do IESE;
- Mapear os actores chave e realizar consultas para recolher subsídios para informar a direcção estratégica do IESE;
- Facilitar workshop(s) presenciais com os colaboradores para recolher subsídios para a elaboração do plano estratégico;
- Elaborar um plano estratégico para dez (10) anos, incluindo quadro lógico, análise de risco, plano de acção, cronograma, objetivos, metas, estratégias, principais áreas de resultados, indicadores de desempenho e recomendações para o desenvolvimento institucional.

3. Metodologia

O(s) consultor(es) deve(m) propor uma metodologia que garanta a participação significativa dos órgãos de governação da instituição, da equipe de colaboradores e dos principais actores chave, garantindo que estes possam contribuir para o plano estratégico.

4. Produtos

Os principais produtos esperados desde exercício incluem:

- Um plano de trabalho que inclua a metodologia, uma lista de actores chave e a documentação a serem consultados e um cronograma para a elaboração do plano estratégico;
- Um relatório resumido da análise de contexto e quadro regulador para as áreas de pesquisa e publicações;
- Um relatório resumindo as contribuições dos actores chaves a serem consideradas durante a elaboração do novo plano estratégico;
- Uma proposta de plano estratégico e roadmap para a sua implementação (incluindo alocação de recursos, cronogramas e mecanismos de monitoria).

5. Duração

A tarefa deve ser concluída num prazo de até dois meses (8 semanas), começando a 10 de Fevereiro de 2025.

6. Qualificações

O(s) candidato(s) ou empresa concorrentes devem demonstrar as seguintes competências e conhecimentos especializados:

- Experiência em desenvolvimento de planos estratégicos para organizações não governamentais;
- Experiência na realização de planeamento estratégico e desenvolvimento organizacional;
- Familiaridade com o contexto de desenvolvimento económico, social e político em Moçambique;
- Experiência de trabalho com organizações académicas ou de pesquisa é uma vantagem.

7. Critérios de Avaliação

A proposta vencedora será determinada com base numa análise custo e benefício, tendo como base os critérios de avaliação abaixo:

- Metodologia proposta – 30%
- Experiência em trabalhos semelhantes – 15%
- Experiência e qualificações do consultor ou equipa – 15%
- Qualidade da proposta escrita e clareza dos resultados – 10%
- Custo ou Preço* – 30%

* A pontuação para a **custo ou preço** será determinada na proporção inversa do preço mais baixo, sendo:

$Pontuação\ para\ proposta\ X = (Preço\ da\ proposta\ mais\ baixa / Preço\ da\ proposta\ X) * Pontuação\ máxima\ possível$

8. Processo de candidatura

Os candidatos ou empresas interessadas deverão apresentar uma manifestação de interesse, contendo:

- Entendimento dos TORs incluindo a metodologia e cronograma propostos;
- Um perfil organizacional ou CVs da equipe de trabalho;
- Currículo atualizado do(a) consultor(a) principal;
- Duas amostras de trabalhos similares realizados nos últimos 6 anos;
- Uma proposta financeira em documento único, discriminando as rubricas por natureza (pessoal, honorários, deslocações e outros).

As propostas podem ser enviadas para o endereço físico ou para o email indicando no assunto "IESE – Plano Estratégico 2026 – 2035."

Endereço físico:

Rua Macombe Macosse, no. 142,
Bairro da Sommerschild, Maputo

e-mail:

procurement@iese.ac.mz

Prazo para a submissão das propostas: Segunda-feira, 20 de Janeiro de 2025.

Os candidatos pré-seleccionados serão convidados a participar numa entrevista por videoconferência na semana de 27 de Janeiro de 2025.

Questões deverão ser enviada para o e-mail info@iese.ac.mz até o dia 16 de Janeiro de 2025, identificando o assunto "Consultoria Plano Estratégico do IESE 2025-2036."

Public Tender nº IESE/004/2024

Consultancy for the development of IESE's Strategic Plan for 2026-2035

IESE—Institute of Social and Economic Studies is an independent Mozambican research organization whose main vocation is scientific research. This research produces knowledge and intellectual capacity and animates public debates on Mozambique's economic, social, and political development issues.

1. What are we looking for:

A consultant or consulting company to facilitate the development of the new strategic plan for the period 2026 - 2035. The new strategic plan should revisit the organization's vision, mission, and objectives and establish a methodology for developing strong partnerships and resource mobilization initiatives to implement its mandate.

The responsibilities of the consultant(s) will include conducting interviews with key staff and IESE management, consulting with stakeholders, reviewing supporting materials and compiling reports, with the aim of:

Main objectives:

- Analyze the current strategic plan to identify constraints and growth opportunities for the next 10 years depending on the political, economic, social and technological context;
- Identify strategic priorities and create growth and development plans for the next ten (10) years;
- Update the theory of change;
- Identify new funding sources for the institution;
- Use the results-based management approach to align IESE's mission, vision and objectives;

2. Scope of work

We seek an individual consultant or firm for the following tasks:

- Review organizational documents, including evaluations of IESE and other regulatory instruments;
- Map the national regulatory framework in the research and publication fields to guide IESE's strategic actions;
- Map stakeholders and conduct consultations to gather input to inform IESE's strategic direction;
- Facilitate in-person workshops with IESE's collaborators to gather inputs to develop IESE's strategic plan;
- Draft a ten-year strategic plan including a log frame, risk analysis, action plan, timeline, objectives, targets, strategies, key result areas, performance indicators and recommendations for institutional development.

3. Methodology

The consultant(s) should propose a methodology that ensures meaningful participation from the institution's governance bodies, the team of collaborators and key stakeholders.

4. Deliverables:

The key deliverables expected from this exercise are:

- An inception report including the methodology, a list of key actors and documentation to be consulted and a schedule for developing the strategic plan;
- A report summarizing the context analysis and regulatory framework for the areas of research and publications;
- A report summarizing the contributions of key stakeholders to be considered during the preparation of the new strategic plan;
- A proposal for a strategic plan and roadmap for its implementation (including resource allocation, schedules and monitoring mechanisms).

5. Timeline

The assignment is to be completed within 2 months (8 weeks), starting from 10th February 2025

6. Qualifications

The consultant(s) or firm applying must demonstrate the following specialized skills and knowledge:

- Experience in developing strategic plans for non-governmental organizations;
- Experience in carrying out strategic planning and organizational development;
- Knowledge of the Mozambican economic development, social and political context of Mozambique;
- Experience in working for academic or research organizations is an advantage.

7. Evaluation criteria

The winning proposal will be determined based on a cost-benefit analysis, based on the evaluation criteria below:

- Proposed methodology – 30%
- Experience in similar work(s) – 15%
- Experience and qualifications of the consultant or team – 15%
- Quality of the written proposal and clarity of results – 10%
- Cost or Price* – 30%

*The costs or price points will be determined based on the inverse proportion to the lowest price, so that:

$Score\ of\ proposal\ X = (Cost\ of\ lowest\ proposal / Cost\ of\ proposal\ X) * Max.\ score\ for\ cost$

8. Application Requirements

Interested candidates or companies must submit an expression of interest, containing:

- Understanding of TORs and proposed methodology;
- An organizational profile or the team's CVs
- Principal consultant's updated CV;
- Two samples of similar work undertaken within the past 6 years;
- A financial proposal in a single document detailing items by nature (personnel, fees, travel and others).

Proposals can be sent to the physical address or by email with the subject "IESE—Strategic Plan 2026 – 2035."

Physical address:

Rua Macombe Macosse, no. 142,
Bairro da Sommerschild, Maputo

e-mail:

procurement@iese.ac.mz

The deadline for submitting proposals: Monday, January 20, 2025.

Shortlisted candidates will be invited to participate in a video conference interview the week of January 27, 2025.

Questions should be emailed to info@iese.ac.mz by January 16, 2025, with the subject "IESE Strategic Plan Consultancy 2025-2036."



BANCO DE MOÇAMBIQUE

ANÚNCIO DE CONCURSO E CONVITE PARA MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE TENDER ANNOUNCEMENT AND CALL FOR EXPRESSION OF INTEREST

Empreitada de Reabilitação e Requalificação do Edifício da Filial de Tete Works Contract for the Rehabilitation and Requalification of the Tete Branch Building

Referência n.º 01/01DAP/2024 – Concurso Público Internacional por Prévia Qualificação para Reabilitação e Requalificação do Edifício da Filial de Tete (Concurso)

O Banco de Moçambique (BM), pessoa colectiva de direito público, com a natureza de empresa pública, com sede na Avenida 25 de Setembro, n.º 1695, cidade de Maputo, Moçambique, pretende seleccionar empresas com capacidade técnica, financeira, jurídica e experiência comprovada para executar a obra de reabilitação e requalificação do edifício da Filial de Tete, sito no cruzamento das avenidas Eduardo Mondlane e Julius Nyerere, na cidade de Tete, província de Tete.

Para o efeito, o BM convida todas as empresas interessadas com capacidade, qualificação e experiência comprovadas a solicitar, por escrito, os termos de referência que estabelecem os requisitos de qualificação, através do endereço electrónico dapconcurso@bancomoc.mz, a partir da data da publicação deste anúncio.

O concurso é composto por duas fases: a primeira destina-se à pré-qualificação, na qual podem participar todas as empresas habilitadas que manifestarem interesse, e a segunda restringe-se aos candidatos pré-qualificados.

As empresas interessadas devem comprovar dispor das qualificações e experiência exigidas para a realização de obra da envergadura da pretendida.

A documentação de qualificação deve ser enviada em envelope selado até ao dia 8 de Janeiro de 2025, às 10 horas, para o seguinte endereço:

Banco de Moçambique
Departamento de Aprovisionamento e Património
Avenida 25 de Setembro, n.º 1695, Maputo, Moçambique

Os candidatos devem indicar a pessoa de contacto (nome, endereço de e-mail e número de telefone) que age como seu representante.

No acto da recepção das candidaturas serão apostos o carimbo do BM, a data e hora (com indicação de minutos) da recepção.

As candidaturas recebidas após a data e hora estabelecidas não serão consideradas para o concurso.

Apenas os candidatos pré-qualificados serão convidados a tomar parte na segunda fase do concurso.

Reference No 01/01DAP/2024 - International Public Tender by Pre-Qualification for the Rehabilitation and Requalification of the Tete Branch Building (Tender)

Banco de Moçambique (BM), a legal person governed by public law, in the form of a public company, with its head office at Avenida 25 de Setembro, no. 1695, in Maputo city, Mozambique, is looking to select companies with the technical, financial and legal capacity and proven experience to carry out rehabilitation and requalification works on the Tete branch building, located at the corner of Avenida Eduardo Mondlane and Avenida Julius Nyerere, in Tete city, Tete province.

To this end, BM hereby invites all interested companies with proven capacity, qualifications and experience to request the terms of reference, which set out the qualification requirements, by writing to the e-mail address dapconcurso@bancomoc.mz, as from the date this announcement is made public.

The tender consists of two phases: the first is intended for pre-qualification, in which all qualified companies that express their interest can take part, and the second which is restricted to pre-qualified tenderers.

Interested companies will be required to prove that they meet the qualifications and experience needed to carry out a project of this magnitude.

The qualifications documents shall be delivered in a sealed envelope by 8 January 2025 at 10 a.m. to the following address:

Banco de Moçambique
Procurement and Property Management Department
Avenida 25 de Setembro, n.º 1695, Maputo, Moçambique

Tenderers must indicate the contact person (name, e-mail address and telephone number) acting as their representative.

When applications are received, a BM stamp will be affixed, as well as the date and time (with a record of minutes) of receipt.

Applications received after the established date and time will not be considered for the tender.

Only pre-qualified tenderers will be invited to take part in the second phase of the tender.

Maputo, 09 de Dezembro de 2024

Alarme sobre o suposto atentado contra Venâncio separa o País por 37 horas

Bobole: o reduto dos manifestantes

Por Raul Senda

Um post, supostamente de Venâncio Mondlane, anunciando uma tentativa de assassinato, serviu como móbil para os manifestantes tomarem de assalto a Estrada Nacional número 1 (EN1) e, a partir de Bobole, separarem a comunicação rodoviária entre o Sul – Centro e Norte do país por mais de 37 horas. Neste fim-de-semana, perante o olhar impávido do Estado, os manifestantes transformaram Bobole no seu reduto deixando um cenário de drama e sofrimento no seio de milhares de pessoas. Desafiando o poder público, os manifestantes só abriram a via depois de Venâncio aparecer publicamente a fazer a prova de vida.

Cerca das quatro horas do dia 05 de Dezembro [quinta-feira], um autocarro da transportadora Nagi Investimentos partiu da cidade de Nampula para o destino a capital do país. Com a chegada prevista para a manhã de sábado, [07], Zainabo Omar, 36 anos, e mais três filhos de 16, 12 e quatro anos, respectivamente, faziam parte dos 55 passageiros que seguiam a viagem. Por volta das oito horas, o autocarro escalou a vila municipal de Alto Molôcuê na província da Zambézia. Foi neste ponto onde encontrou o primeiro bloqueio que obrigou a uma paragem de oito horas. Dez minutos depois das 16 horas foi autorizado a seguir a viagem e, por volta das 24 horas, chegou a Inchope (Manica).

Após três horas e meia do repouso, o mesmo deixou Inchope às 03:30 da sexta-feira e seguiu até o distrito de Massinga (Inhambane) onde chegou cerca das 09 horas. Aqui, também foi obrigado a interromper a marcha para seguir o ritual das paralisações decretadas pelo candidato presidencial do Podemos, Venâncio Mondlane.

Até aí tudo estava sob controlo, visto que as paragens obrigatórias estavam previstas no plano de viagem quer da tripulação assim como dos passageiros.

Às 16 horas da sexta-feira, o autocarro foi permitido a deixar a vila de Massinga e seguir a viagem que se prolongou até as 22 horas, na vila municipal da Macia (Gaza). Na verdade, a tripulação queria continuar, mas agentes da polícia que se encontravam no posto de controlo da Macia, aconselharam a interromper a viagem, por questões de segurança.

O autocarro deixou a vila municipal da Macia perto das quatro horas da manhã com certeza de que, até as oito horas do sábado, estaria a entrar no terminal da transportadora, localizada na avenida Gago Couti-

no, no bairro de Chamanculo. Contudo, perto das sete horas do sábado foi obrigado a interromper a marcha, na localidade de Bobole, distrito de Marracuene, província de Maputo e de lá só saiu cerca das 21 horas do domingo.

Duas máquinas escavadoras tinham sido colocadas em cima de uma ponte na Estrada Nacional número 1 (EN1). Com a obstrução da via, os manifestantes tinham cortado a comunicação entre o Sul, Centro e Norte do país (EN1).

A paralisação aconteceu pouco antes das oito horas, período decretado pelo candidato protestante para o início dos bloqueios.

Um dos membros da tripulação da transportadora conta que o bloqueio, antes da hora, criou alguma estranheza, mas a preocupação era minimizada pelo facto de se saber que, até as 16 horas, a estrada seria reaberta.

Ninguém pensava que o pior estava por vir. Quando eram 16 horas, as viaturas estacionadas em cada uma das faixas ligaram os motores e ensaiaram as marchas. Porém, poucos minutos depois das 16 horas, uma voz ampliado com o som de uma coluna de marca JBL, ouvia-se do alto de uma das máquinas da escavadora usada pela bloqueio.

(...) – “hoje de manhã chegou-nos a informação de que o nosso presidente [Venâncio Mondlane] foi vítima da tentativa de assassinato. A Frelimo mandou pessoas para o matar. Não sabemos se está vivo ou não. Portanto, enquanto não aparecer a nos informar que está vivo não iremos abrir a estrada”, determinou um dos líderes dos manifestantes perante aplausos de correligionários e sob olhar impávido e sereno dos elementos das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM).

A informação caiu que nem uma bomba para várias centenas de viaturas que se encontravam no local à espera da abertura da estrada para seguir a viagem.

Zainabo Omar, que saiu, juntamente com os filhos, de Nampula com uma logística para suportar



Zainabo Omar



Na manhã do domingo, no povoado de Bobole contavam-se mais de duas mil viaturas bloqueadas e milhares de pessoas entregues a Deus dará.

dois dias, com o bloqueio inesperado, em Bobole, viu-se obrigada a activar outros meios.

Eram cerca das 17 horas do sábado, quando encontramos Zainabo Omar e os filhos desesperados e cansados. Contou-nos que, até aquela hora, tinha gastado 600 meticais na compra de comida e água para garantir o almoço. A esperança era de que a via ficasse aberta naquela mesma noite visto que, na sua conta, na carteira móvel, tinha apenas 900 meticais. O mesmo valor devia servir para o transporte do terminal da transportadora para o bairro Djonasse, no município de Matola-Rio, local onde reside.

“Estamos na rua desde a noite da quarta-feira, altura em que saímos de casa para a estação onde fomos apanhar o autocarro. Estamos muito cansados. Estamos há três dias sem tomar banho. O meu filho mais novo até está com sinais de gripe. Não me imagino mais uma noite na rua. Peço que as pessoas que fecharam a estrada entendam o nosso sofrimento. Não somos culpados pelo roubo de votos. Nós também estamos a sofrer com a má governação”, lamenta-se Zainabo Omar no meio de lágrimas.

A fonte continua frisando que no caso dela conseguiu alimentar os filhos, mas no local havia muita gente que nem dinheiro para comprar água tinha.

A paralisação da EN1, em Bobole,

no último fim-de-semana, foi um dos pontos mais críticos da chamada fase 4x4 da luta pela justiça eleitoral declarada por Venâncio Mondlane.

Além da justiça eleitoral, os líderes das manifestações têm mobilizado centenas de jovens de ambos os sexos para as ruas para reivindicarem melhoria na qualidade de vida, redução do custo de vida entre outras condições.

Em Bobole, os manifestantes tinham água, pão, energéticos e bebidas alcoólicas. Passaram toda a noite do sábado a cantar e dançar. Não mostravam algum sinal de fadiga. Poucas horas depois de os manifestantes terem obstruído a EN1 com as máquinas escavadoras, duas viaturas do tipo BTR, da Unidade de Intervenção Rápida (UIR), foram destacadas para Bobole a fim de obrigar os protestantes a retirar aqueles obstáculos do local. Contudo, antes de a força policial chegar ao local, os manifestantes interceptaram a Polícia e ordenaram que recuasse, avisando que, em caso de qualquer acto de violência, iriam queimar as viaturas que estavam bloqueadas para além de atacar a própria Polícia.

As autoridades policiais foram compreensíveis e saíram. Momentos depois chegaram as forças armadas, que, por sua vez, procuram persuadir os manifestantes, mas também foi em vão, porque, para



Rodeado de correligionários, líder dos manifestantes falando aos retidos

estes, a única condição para desobstruir a via era a prova de vida de Venâncio Mondlane.

No local, o SAVANA conversou com um dos operadores da máquina escavadora usada para o bloqueio da estrada, mas que por questões de segurança vamos preservar a sua identidade.

Disse que cerca das 6:30, um grupo de jovens, que ultrapassava duas dezenas, munidos de catanas, paus e pedras, invadiu o estaleiro de venda de material de construção localizada ao longo da EN1. Alguns jovens o conheciam, por isso, foram directamente ao seu encontro e exigiram as chaves da máquina. Entregou, mas como nenhum dos manifestantes conseguia manipular a máquina, obrigaram a conduzir até ao local do bloqueio, e estes empoleiraram-se na máquina obrigando o operador a buzinar do estaleiro até à ponte numa distância de 1500 metros.

Chegados ao local do bloqueio, os manifestantes ordenaram as viaturas que seguiam no sentido Sul-Norte a interromper a marcha para permitir as manobras da máquina. Na verdade, os manifestantes dividiram-se em dois grupos, quando um invadia o estaleiro onde a nossa fonte colabora, o outro se dirigiu a um outro estaleiro onde levou outra máquina.

Explica que, quando terminou as suas operações, chegou a outra máquina que fechou a faixa usada pelo tráfego de Norte-Sul.

Após o término, o manifestante desligaram as máquinas e entregaram as chaves ao operador, avisando-o que devia ficar à espera da chamada deles e que, caso entregasse as chaves a outras pessoas ou mesmo às autoridades, a vida dele estaria em risco.

Sublinha que, por volta das 18 ho-

ras, chamaram-no e recolheram as chaves.

Trinta e sete horas de martírio

Sem o Estado para repor a ordem, as vítimas de bloqueio ficaram retidos da vontade dos manifestantes por mais de 37 horas. Entre sábado e domingo, a sede do povoado de Bobole viveu um ambiente misto. Os viajantes estavam em desespero, os comerciantes locais em festa porque o negócio fluía e o volume das vendas de comidas e bebidas batia recordes.

Até antes das 16 horas do sábado ninguém acreditava na consumação da decisão dos manifestantes. A final de contas, a EN1 não é uma via qualquer, é a única estrada do país que liga Moçambique e, dessa forma, as pessoas pensavam que o Estado faria de tudo para garantir o movimento de pessoas e bens. Cada vez que o tempo passava e a noite crescia, as pessoas apercebiam-se que os manifestantes é que estavam mesmo a governar naquele território.

O movimento de viaturas cresceu de tal forma que, por volta das 18 horas, o Polícia criou mais dois pontos de retenção de veículos na vila da Manhíça assim como no



Salomão Cunhane

posto administrativo de Maluana. Das 18 horas até as 23 horas do sábado, todas as viaturas que saíam da Manhíça em direcção à capital eram retidas em Maluana.

Muitos passageiros que saíam de Maputo para Manhíça, chegados a Bobole viram-se obrigados a terminar o percurso, de cerca de 45 quilómetros, a pé. Eram filas enormes de homens, mulheres, idosos e crianças a caminhar pela EN1, horas e horas pela noite adentro até chegar aos seus destinos.

Salomão Cunhane, motorista, saiu do interior do distrito de Guijá [Gaza] para Maputo a fim de deixar gado bovino no matadouro de Maputo. Partiu de Guijá às três horas de madrugada na certeza de que chegaria ao destino por volta das 18 horas, depois de ter cumprindo as oito horas de paralisação.

Após cumprir o período de paralisação na vila de Manhíça, às 16 horas, saiu em direcção a Maputo, mas quando chegou a Bobole viu-se obrigado a interromper a marcha. Passou a noite do sábado em Bobole. Na manhã de domingo, por temer que o gado ficasse fraco e desidratado, retornou à proveniência e assumindo os prejuízos.

Muitas pessoas que transportavam produtos perecíveis viram as suas mercadorias a deteriorarem-se.

A loja de conveniência das bombas de abastecimento de combustível de Maluana, que, desde que as paralisações iniciaram, registava pouco movimento de clientes. Em cinco horas viu as suas prateleiras esvaziadas. Eram vários clientes que afluíam a loja para adquirir água, refrigerantes, bolachas, biscoitos, energéticos, pão e gelo.

O sofrimento que se transformou numa oportunidade de negócio

O bloqueio da EN1 também ser-



Manifestantes recorrem a máquinas escavadoras para bloquear a Estrada Nacional número 1

viu como oportunidade para alguns jovens fazerem negócio, servindo como guias para aceder caminhos alternativos. O serviço de táxi moto também ganhou alguma força naquele final de semana.

Eram os próprios manifestantes que contactavam os automobilistas afirmando que, caso esses tivessem uma viatura a todo terreno e mediante o pagamento de valores que variavam entre 300 a 500 meticais, podiam indicar caminhos alternativos. Alguns automobilistas acederam as propostas e entraram na aventura. Outros procuraram por amigos ou locais seguros para deixar as suas viaturas e com o recurso a táxi moto, mediante o pagamento de valores que variavam entre 700 a 1200 meticais, foram transportados, pelos labirintos, de Bobole até ao posto de controlo da Polícia de Nhongonhane ou até a vila de Maracuene. Foram centenas de pessoas que abandonaram as suas viaturas e seguiram a viagem recorrendo a táxis motos. Os passageiros vindos das províncias, que possuíssem algum capital, também abandonaram os autocarros e seguiram a viagem com o recurso a táxis motos.

Os sem meios viram-se obrigados a se submeterem a vontade dos manifestantes. A permanência destes era motivo de júbilo dos vendedores locais, como é o caso da Cecília Macambaco, vendedeira, que viu o seu stock de frangos e bebidas al-

coólicas a esvaziar na sua barraca. Explica que no seu congelador tinha 29 frangos. Cada frango é fracionado em quatro partes e vende a 200 meticais, com chima e salada. Até a madrugada de sábado tinha esgotado todo o produto e no domingo não tinha nada para vender. “Muitas pessoas optaram pela minha barraca porque, apesar da procura, não alterei preços. Outras pessoas aumentaram de 200 para 250 meticais uma doze de frango, mas eu achei isso injusto, porque as pessoas que estão aqui não é por vontade própria, é por sofrimento. Ninguém estava preparado para dormir aqui. Eu sou mulher de Deus e não podia aproveitar o sofrimento de pessoas para ganhar lucros”, regozijou-se Macambaco.

Na manhã de domingo, no povoado de Bobole contavam-se mais de duas mil viaturas bloqueadas, e milhares de pessoas entre mulheres grávidas, idosos e crianças, entregues a Deus dará. São grupos vulneráveis que ficaram mais de 24 horas sem comida, higiene pessoal e, nalguns casos, até água. Estes vulneráveis dependiam de pessoas de boa-fé que ofereciam água e pão. Este drama viveu-se sob olhar impávido das autoridades.



Cecilia Macambaco

Aparição de Venâncio e a desobstrução da via

No final da tarde do domingo, o efectivo das FADM estacionadas em Bobole foi reforçado. Muitos militares e carros blindados foram destacados para a zona, mas sem nenhuma acção em concreto.

A concentração das forças armadas levou um dos líderes dos manifestantes a fazer uma comunicação aos presentes. Disse que não temia pela morte e que o reforço das forças armadas não iria intimidá-los, porque estão determinados a lutar até ao fim.

Voltou a reafirmar que a via só seria aberta após a aparição pública de Venâncio Mondlane, que estava no silêncio desde a manhã do sábado, depois de dizer que tinha sido vítima de um suposto atentado.

Cerca das 18 horas do domingo, Venâncio Mondlane apareceu, foi ouvido e por volta das 20 horas a via foi liberada e as viaturas seguiram os rumos.



Standard Bank eleito banco do ano de 2024

O Standard Bank foi eleito o Banco do Ano de 2024 pela revista “The Banker”, uma publicação mensal editada em Londres, Inglaterra, que fornece informações e análises sobre o sector financeiro e bancário.

Uma nota do Standard Bank assinala que se trata de um reconhecimento do impacto do processo de transformação estratégica e de reposicionamento da marca que o Banco está a implementar, com vista a preparar-se para o futuro, num mercado cada vez mais competitivo e exigente. Como parte deste processo, o Banco introduziu, em 2023, uma nova estratégia, que visa melhorar a experiência do cliente, impulsionar a inovação e aumentar a inclusão financeira. A estratégia centra-se em cinco pilares fundamentais, nomeadamente canais digitais, canais físicos, empréstimos, cartões e produtos transaccionais. Fundada em 1926, a revista “The Banker” pertence ao grupo Financial Times Business, sendo considerada líder nas notícias financeiras e de banca internacional. Para o administrador-delegado do Standard Bank, Bernardo Aparício, este prémio valida a estratégia de transformação do Banco e reforça o seu compromisso para com os clientes.



“A nossa campanha de reposicionamento de marca e iniciativas culturais estão a remodelar a

organização”, sublinhou. Bernardo Aparício lembrou igualmente que as iniciativas de

responsabilidade social, promovidas pelo Standard Bank, têm contribuído, igualmente, para a

construção de uma relação mais estreita e satisfatória com os clientes.

Nacala Logistics e CIM firmam parceria

A Nacala Logistics e a empresa Cimentos de Moçambique (CIM) assinaram um contrato de prestação de serviços de transporte de carvão, no final de Novembro.

O acordo prevê a entrega anual de 150 mil toneladas de carvão mineral, transportadas de Moatize para Nacala, onde se localiza a fábrica Cimentos de Moçambique.

A parceria garante o abastecimento contínuo de carvão, matéria-prima essencial para a produção de cimento, especialmente com o comissio-



namento do novo forno. Para o gerente-geral de Operação Car-

ga Geral, CM Singh, esta parceria fortalece o negócio e fomenta

o desenvolvimento industrial da região, através da prestação de

um serviço de qualidade a preço competitivo.

“A redução dos custos logísticos e a eficiência proporcionada ao nosso cliente, Cimentos de Moçambique, reflecte a nossa capacidade de conectar parceiros estratégicos e impulsionar a competitividade de produtos locais no mercado. Com essa parceria, reafirmamos o nosso compromisso em fornecer soluções logísticas inovadoras e eficazes, alinhadas às necessidades dos nossos clientes e ao crescimento económico sustentável da região”, destacou Singh.

Vencedores da “Coleção Crescente” em residência artística na RSA

Os quatro vencedores da iniciativa Coleção Crescente 2024, um projecto da Associação Moçambicana Kulungwana, em parceria com a Hollard Seguros, participaram recentemente numa residência artística na África do Sul, que culminou numa exposição na White River Gallery.

A residência, facilitada pela mestre em impressão Claudia Rivett-Carnac, de Joanesburgo, fez parte do prémio atribuído anualmente aos vencedores da iniciativa Coleção Crescente. Esta experiência oferece aos artistas moçambicanos uma plataforma para aperfeiçoar a sua arte, envolver-se em trocas cultu-



rais e exposição de talento em palco internacional. A exposição, intitulada “Visões Reveladas”, narra uma jornada

de desenvolvimento artístico e a descoberta de novas explorações criativas.

Na abertura da exposição, o CEO

da Hollard, Henri Mitermayer, destacou o potencial transformador de iniciativas artísticas como o programa Coleção Crescente em Moçambique, afirmando: “A exposição sugere uma narrativa de desenvolvimento artístico e a revelação de explorações criativas.”

As obras em exposição foram criadas utilizando duas técnicas distintas de gravura: cianotipia, um processo fotográfico que produz impressões em tons de azul marcantes, e tetrapak, um método de gravura sustentável que reutiliza embalagens recicladas como matrizes de impressão, demonstrando um compromisso com a sustentabilidade ambiental, para além

do desenvolvimento criativo. Cláudio Polá, vencedor da Coleção Crescente 2024 da província da Zambézia, descreveu a residência como uma oportunidade significativa de aprendizagem.

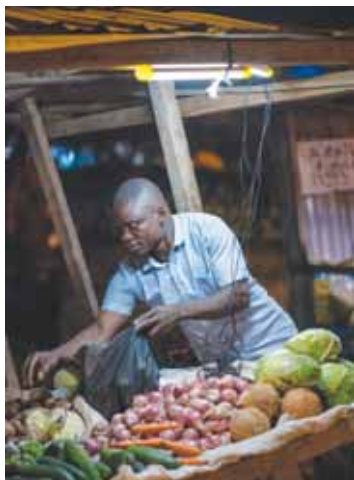
“O meu objectivo é aplicar o que aprendi para beneficiar os entusiastas da arte na cidade de Quelimane”, afirmou Polá. O seu trabalho aborda questões da sociedade moçambicana, demonstrando um compromisso com a exaltação das comunidades.

As obras em exibição são um testemunho do sucesso desta segunda edição da residência, demonstrando o impacto transformador de iniciativas como esta na expressão artística moçambicana.

Programa BRILHO transforma mercado de energia

O programa BRILHO, financiado pelos governos do Reino Unido (FCDO) e da Suécia (Sida), permitiu o acesso a soluções de energia fora da rede a três milhões de moçambicanos.

Implementado pela SNV, a iniciativa compreende sistemas solares domésticos, mini-redes e soluções de cozinha melhorada, transformando vidas e promovendo um futuro sustentável em Moçambique.



O programa BRILHO foi lançado com a visão de catalisar o mercado de energia fora da rede em Moçambique, promovendo tecnologias acessíveis, eficientes e limpas para atender às necessidades de populações que não têm acesso à rede elétrica nacional.

Essa iniciativa inovadora tem sido essencial para reduzir a dependência de combustíveis fósseis e lenha, contribuindo para a melhoria da saúde, da qualidade de vida e do meio ambiente.

Tropigália distribui lubrificantes da Galp

A Tropigália, uma das maiores empresas no sector da logística e distribuição de bens de grande consumo em Moçambique, passa a ser o principal distribuidor de lubrificantes da Galp nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, no sul de Moçambique, no âmbito de uma parceria firmada entre as duas empresas.

A Galp tem vindo a ampliar a presença no mercado moçambicano, através do estabelecimento de parcerias.

“A Tropigália é o parceiro certo para levar os nossos lubrificantes de alto desempenho mais



longe e a mais clientes moçambicanos que procuram produtos competitivos e de qualidade superior”, afirmou Paulo Varela, CEO da Galp Moçambique.

Com uma presença consolidada no mercado e um portfólio de grandes marcas de bens de grande

consumo, a Tropigália foi destacada pela KPMG como uma das 100 maiores empresas de Moçambique em 2023.

“Agradecemos a oportunidade e confiança que nos é atribuída pela GALP”, afirmou Adolfo Correia, PCA da Tropigália.

DJ Sidney G. M lança clipe com artistas brasileiros

O DJ Sidney G. M, de Moçambique, e os rappers brasileiros Carlos Mossoró e Jhuka Andrade lançaram o clipe “Conhecimento”, há uma semana.



O trabalho conta ainda com “scratches” do mexicano DJ Pisto Rey e o produtor audiovisual Rafael Altomar, também brasileiro, que realiza filmagem e edição do trabalho. “Conhecimento” aborda o quinto elemento do hip hop, mostrando o potencial desse movimento como difusor de saberes.

A Universidade Federal de Rondônia foi escolhida como

palco, por ser um campo de saberes e que tem promovido acções de hip hop na pesquisa, ensino e extensão.

A música faz parte do duplo álbum físico “Compromisso com Elas/Ruas Vol.5 e 5.1”. O “beat” e o “master” é de Genius, de Moçambique, com produção executiva da GM Records 2024.

Materula lança II Edição do Fundo de Financiamento

A ministra da Cultura e Turismo, Eldevina Materula, anunciou recentemente a II Edição do Fundo de Financiamento à Actividade Audiovisual e Cinematográfica - CONFIAAC, lançada em Outubro deste ano.

O fundo visa incentivar o desenvolvimento do talento e da criatividade audio-visual e cinematográfica nacional, sector que tem atraído bastante mão-de-obra juvenil, principalmente, nos principais centros urbanos, transfor-

mando-se, deste modo, numa potência para a geração de emprego e de renda.

São elegíveis ao financiamento todos os jovens cineastas, realizadores e produtores.

Para a II Edição, estão disponíveis 6.500.000 meticais, valor que abrange todo o país.

Este concurso pretende apoiar e financiar a produção cinematográfica com enfoque nos novos talentos e primeiras obras, produção de videoclipes musicais, distribuição e exibição de obras audiovisuais e cinematográficas.

DStv Moçambique oferece canais em "Sinal Aberto"

Neste mês de Dezembro, liga-te aos momentos inesquecíveis com a melhor acção futebolística, filmes e conteúdos infantis favoritos.

A DStv Moçambique pretende tornar o mês de Dezembro muito mais recheado de conteúdos fantásticos para toda a família, disponibilizando aos seus clientes vários canais em "Sinal Aberto". Futebol, filmes e conteúdos infantis são parte dos canais temáticos que vão oferecer ainda mais qualidade. Essa é a promessa da DStv - entretenimento que junta toda a família.

O que é "Sinal Aberto"? Permite que os clientes desfrutem de canais que, normalmente, não estão no teu pacote - sem custos adicionais durante o período. Por que "Sinal Aberto"? A oferta não visa, somente, manter clientes ligados à DStv. É também uma forma de agradecer aos seus clientes pela confiança na marca que faz parte da vida dos moçambicanos há anos.

Eis os conteúdos que pode desfrutar durante o período de "Sinal Aberto": **Fãs de futebol, esta é para vocês**

A partir de sábado, 14 de Dezembro, até segunda-feira, 16 de Dezembro, os canais SuperSport Máximo 1 e 2, SuperSport Action e SuperSport Football Plus serão abertos aos subscritores do pacote DStv Fácil durante o fim-de-semana. Esta é a tua oportunidade de assistir aos jogos memoráveis: Liverpool vs Fulham e o derby de Manchester entre Manchester United e Manchester City. Apoia a tua equipa ou a junta-te à família para partilhar o 'amor pelo desporto'. Afinal, é o futebol que nos une a todos.

As crianças têm o seu tempo para brilhar

De sexta-feira, 13 de dezembro de 2024, a segunda-feira, 6 de janeiro de 2025, os mais pequenos vão ter uma surpresa. Os subscritores a partir do pacote DStv Fácil podem desfrutar de um mundo de aventuras com os canais Cartoonito, Cartoon Network, Disney Channel e Nickelodeon repletos de diversão festiva. Assista ao Especial de Natal do SpongeBob Squarepants no Nickelodeon, ri mais com os Batwheels no Cartoonito e faz parte da magia do filme Miraculous World das Aventuras da Lady Bug em estreia no Disney Channel. É a magia das férias feita só para eles - e para que te juntes à eles.

A magia do cinema no seu melhor

A partir da sexta-feira, 13 de Dezembro de 2024, até segunda-feira, 6 de janeiro de 2025, os subscritores do DStv Fácil podem assistir à maratonas dos filmes no AXN Movies, Cinemundo e Star Movies, que tornarão cada noite ainda mais especial. Assiste aos clássicos como Chovem Almôndegas 2 no AXN Movies, Sniper Americano no Cinemundo e John Wick no Star Movies. É a forma perfeita de descontrair e criar momentos que importam.

Durante esta época, a DStv não está apenas a oferecer "Sinal Aberto" - está a abrir portas para a alegria, a ligação e a união. Deixa a DStv fazer parte das celebrações da tua família e tornar esta época inesquecível.

Religa a tua conta, fica connosco e desfruta da magia com a DStv. A alegria está apenas a um clique de distância!

Para quem está em movimento, o aplicativo DStv Stream é um serviço indispensável, oferecendo os melhores filmes, séries e desportos em qualquer lugar, a qualquer hora.

Para mais informações, visite: <https://web.facebook.com/DStvMoçambique>

GES20
natura
ÁGUA QUE É ÁGUA

Chegou a Natura, a única Água de 18.9 litros 100% Mineral Natural entregue à tua porta.

Os mais de 17 anos de experiência enquanto GES20 e os mais de 5.000 clientes, deram-nos a confiança para sermos quem somos hoje.

Hoje somos o que sempre fomos. Somos Natura. Somos Água é que é Água.

ENTREGAS GRATUITAS*
84 367 9510
encomendas@aguanatura.co.mz

Termos e condições aplicáveis.
Para mais informações consulte: aguanatura.co.mz



Standard Bank

standardbank.co.mz

Qualquer
coisa

Dá Sinal

Somos o Banco que entende os sinais dos Moçambicanos e o que mais nos orgulha é poder ver-te crescer.

Agora já sabes:
Qualquer coisa, Dá Sinal!

EDITORIAL

Lutar e tornar a vida mais dignificada

De fase em fase, neste movimento nacional de protesto contra os resultados oficiais das últimas eleições, a governação e as condições de vida em geral, vai se deteriorando o ambiente político, económico e social no país, de tal forma que não se vislumbra qualquer recuperação num futuro tão próximo.

É, de facto, o reflexo de um acumular de problemas de governação e de gestão económica do país ao longo destes últimos 50 anos, o que também limita as opções de solução, abrindo espaço para que pessoas imbuídas de espírito de boa vontade se remetam à defensiva, tornando-se meros espectadores de um processo de cujo desfecho pouco se pode prever.

O movimento revolucionário e contestatário assumiu a sua própria dinâmica, num momento em que a anarquia e a criminalidade se misturam e se legitimam mutuamente para serem a nova ordem política interna, ante uma máquina repressiva que de toda a sua doutrina de repressão e de intimidação contra pequenos opositores ao regime e o seu partido, se revela tão incapaz de confrontar qualquer ameaça à soberania e segurança do Estado. A retórica contra os intelectuais visa demovê-los de envolvimento na busca de qualquer solução, debaixo do argumento de que se não tivesse sido a sua complacência, a situação nunca teria se deteriorado até este ponto. Mas é precisamente no anti-intelectualismo onde o fascismo se aloja e prospera, colocando a sociedade sob o perigo de se libertar de um tipo de tirania só para ir cair nas mãos de uma outra.

Moçambique é grande, e deve pertencer a todos os moçambicanos, independentemente das suas convicções ideológicas, origem étnica ou racial, filiação religiosa, grau de instrução ou estatuto social. Neste momento de definição do futuro para o seu país, todos eles devem ser chamados a dar uma contribuição na medida das suas capacidades, sob pena do perigo do país vir a cair na mesma armadilha de que se está a tentar libertar.

Não deve haver nada de glorificante numa revolução que assenta na repressão contra vozes discordantes, ainda que seja apenas na metodologia, não necessariamente na essência de que as mudanças são um imperativo nacional. Cometer crimes como os de ofensa à propriedade de outrem ou saque a estabelecimentos comerciais em nome de uma luta pela liberdade pode aliviar os seus actores em termos das suas necessidades imediatas, mas deixa sequelas que a longo prazo se manifestarão numa sociedade sem regras, onde a autoridade central do Estado se torna praticamente reduzida à sua inexistência. Esse não deve ser o Moçambique democrático pelo qual se luta.

Moçambique precisa de mudanças estruturais e amplas na forma como é governado, permitindo que os seus recursos sejam partilhados de forma justa, entre todos os cidadãos. O postulado é de uma governação assente na separação de poderes, no Estado de Direito Democrático, nos princípios de representação legítima e de prestação de contas, e numa alternância baseada em eleições periódicas que sejam livres, justas e transparentes. É por este ideal que milhões de jovens estão nas ruas, firmes na sua luta e preparados a entregarem as suas próprias vidas, se esse tiver de ser o preço a pagar pela sua ousadia.

Esses jovens não se revêm na onda de violência gratuita, distribuída de forma indiscriminada contra cidadãos inocentes, que não se fazem à rua para nada mais do que realizar as suas vidas, e que não têm culpa quer pelo perceptível roubo de votos quer pela má governação.

Não podem ser eles que bloqueiam vias de circulação para asfixiar famílias inteiras nos seus aposentos, que extorquem dinheiro em troca de mobilidade de pessoas e bens, que atiram objectos contra viaturas em movimento, e que cometem todo o tipo de atrocidades que temos estado a testemunhar. O saque contra estabelecimentos comerciais, a destruição de postos policiais, de escolas e de outras infra-estruturas públicas e privadas não são actos que podem ser justificados como instrumentos legítimos de luta contra a má governação. Podem ser praticados em nome do movimento de contestação, mas na verdade não representam os seus interesses. Em qualquer movimento reivindicativo é preciso não excluir totalmente a possibilidade do surgimento de células dedicadas à contra-informação, cujo objectivo fundamental é descredibilizar e tirar legitimidade a toda uma luta que se trava para o bem de todos.

Certamente que não haverá uma luta sem sacrifícios, mas estes devem ser comensuráveis com o imperativo de proteger a santidade da vida humana e preservar o bem comum. Mesmo no meio da luta, pessoas enfermas precisam de chegar aos hospitais para receberem tratamento e serem salvas de uma morte que pode ser evitada, enquanto mulheres na fase final da gestação, necessitam de chegar a um local onde em condições seguras poderão cumprir com a sua responsabilidade natural de perpetuação da espécie humana. Em última análise, o propósito de toda esta luta é tornar a vida mais dignificada.

Cartoon



As mortes silenciosas dos bloqueios: o preço invisível da verdade eleitoral

Por Rui Lamarques

Num pequeno bairro da periferia de Maputo, um menino chamado Elias adoeceu gravemente. A sua mãe, Alzira, percorreu a pé quilómetros até o hospital mais próximo, porque as estradas estavam bloqueadas. Não havia transporte, não havia alternativa. Elias morreu a caminho, uma vítima de circunstâncias que transcendem a sua compreensão ou responsabilidade. Ele não era um activista, não tinha partido político e sequer sabia o significado de “verdade eleitoral”. A sua única luta era pela vida. Este é apenas um exemplo hipotético, mas representa uma realidade ignorada em momentos de crise. Quando manifestações legítimas pela transparência eleitoral e pela democracia levam ao bloqueio de estradas, os impactos vão além das barricadas ou dos gritos de ordem. A pergunta que ecoa é: essas vidas perdidas nas margens da luta são menos importantes do que o objectivo final?

As mortes invisíveis

Dados concretos sobre as consequências dos bloqueios ainda são escassos. Quantos pacientes não chegaram a tempo aos hospitais? Quantos alimentos perecíveis nunca alcançaram mercados locais, agravando a fome e a desnutrição? Quantas ambulâncias foram impedidas de salvar vidas em situações de emergência?

Essas tragédias, embora silenciosas, são parte do preço pago por uma sociedade em busca de justiça.

A complexidade do dilema

Por um lado, a luta por eleições justas é inquestionavelmente necessária. Um sistema eleitoral transparente é a base para uma sociedade democrática. Sem ele, injustiças se perpetuam, agudizando desigualdades e corroendo a confiança nas instituições. Mas a justiça que sacrifica vidas no caminho é, no mínimo, moralmente complexa.

Até onde podemos ir em nome de uma causa? E quem decide que vidas são mais importantes – as do futuro incerto, que dependem de uma verdade eleitoral, ou as do presente imediato, como Elias, que não resistiu às horas de espera em um bloqueio?

A discussão inevitavelmente leva à criação de uma hierarquia de tragédias. Perder uma eleição injusta é devastador para uma democracia. Mas perder uma vida por falta de acesso a um hospital é devastador para uma família. No calor da luta, é fácil priorizar as causas macro e esquecer os impactos micro. No entanto, é exactamente nas histórias individuais que está a verdadeira legitimidade de qualquer movimento social.

Responsabilidade colectiva

Todos os actores nesse cenário têm responsabilidades. Os manifestantes, por mais legítimas que sejam as suas razões, precisam encontrar formas de protesto que não coloquem vidas inocentes em risco. Por outro lado, o Governo tem o dever de agir preventivamente, abordando as demandas populares antes que cheguem a um ponto crítico. Ambas as partes compartilham o peso das mortes invisíveis que ocorrem em momentos de crise. A busca pela verdade eleitoral deve ser perseguida com determinação, mas também com consciência. Vidas humanas não podem ser vistas como danos colaterais aceitáveis em nenhuma circunstância. Como sociedade, precisamos nos perguntar: estamos a trocar uma tragédia por outra?

Se a luta pela justiça não valoriza cada vida ao longo do caminho, será que realmente estamos a construir um futuro melhor? Ou estamos apenas a substituir uma injustiça por uma nova camada de dor?

Enquanto o país avança em busca de um sistema mais transparente e equitativo, que Elias – e tantos outros que perderam a vida de maneira silenciosa – nunca sejam esquecidos. As suas histórias, reais ou hipotéticas, são um lembrete doloroso de que o preço da justiça não pode ser pago com vidas humanas.

SAVANA
INDEPENDÊNCIA ★ INTEGRIDADE

Registado sob número 007/RRA/DNI/93
NUIIT: 400109001

Maputo-República de Moçambique

Propriedade da

mediacoop SA

Direcção, Redacção e Administração:
AV. Amílcar Cabral nr. 1049 cp 73

Telefones:
(+258)21301737,823171100,
843171100

KOK NAM
Director Emérito
Conselho de Administração:
Nídia Chiziane (presidente)
António Gumende
Alves Gomes

Director Editorial:
Fernando Gonçalves
editorsav@savana.co.mz

Editor Executivo:
Francisco Carmona
(franciscocarmona@savana.co.mz)

Redacção:
Raúl Senda, Arginaldo Nhampossa e
Armando Nhamumbo

Fotografia:
Ilec Vilanculos

Colaboradores Permanentes:
Fernando Manuel, Ivone Soares, Luís
Guevane, e Paulo Mubalo (Desporto)

Colaboradores:
André Catueira (Manica)

Maquetização:
Auscêncio Machavane e
Elton Mahumane.
Revisão
Américo Pacule

Publicidade
Benvinda Tamele (82 3171100)
(benvinda.tamele@savana.co.mz)

Distribuição:
Miguel Bila
(824576190 / 840135281)
(miguel.bila@savana.co.mz)
(incluindo via e-mail e PDF)
Fax: +258 21302402 (Redacção)
82 3051790 (Publicidade/Directo)

Delegação da Beira
Prédio Aruanga, nº 32 – 1º andar, A
Telefone: (+258) 82 / 843171100
savana@savana.co.mz
Redacção
admc@savana.co.mz
Administração
www.savana.co.mz

O sentido do pensar diferente no contexto contemporâneo de Moçambique*

Por Tomás Vieira Mário

Ser ou não ser filósofo: eis a questão!

Quando recebi o convite para participar deste evento, fui imediatamente tomado por dois sentimentos, que pareciam contraditórios. O primeiro era obviamente um sentimento de gratidão pelo gesto, que muito me honra, e o segundo era de suspeita, pelo tema: “O sentido do pensar diferente no contexto contemporâneo de Moçambique”. Aí perguntei-me: Porquê este tema? E porquê eu? Eu que não sou filósofo, entretanto convidado por uma Faculdade de Filosofia, no quadro de celebrações do Dia Mundial da Filosofia, este ano assinalado a 21 de Novembro.

Esta minha angústia, porém, conheceu logo alguma calma, quando me recordei de escritos de um grande filósofo, politólogo e jornalista italiano, o Antonio Gramsci, que viveu entre 1891 e 1937.

Segundo Gramsci, torna-se “necessário destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é alguma coisa sumamente difícil, por se tratar de uma actividade própria de determinada categoria especializada de letrados ou de caracterizados filósofos profissionais”. Pelo contrário, diz Gramsci, “é preciso demonstrar que todos os homens são “filósofos”, desde que se definam os limites e singularidades desta “filosofia”.

Está, portanto, claro que o renomado intelectual marxista italiano não está aqui a defender – para usar uma expressão ora em voga aqui entre nós – alguma “vandalização” dessa classe especial de pensadores, pois ele, mais adiante, anota que a noção de que podemos todos ser filósofos – “à nossa maneira, inconscientemente – só pode dever-se ao facto de, na mais elementar manifestação de actividade intelectual, na “linguagem”, se encontrar uma determinada concepção do mundo”.

Ora, é apenas ancorado nessa condição de vinculados a uma determinada concepção do mundo, e não naquela categoria de intelectuais conectados consistentemente com o trabalho cerebral, que aceitamos o convite de exprimir o nosso ponto de vista sobre qual pode ser o sentido do pensar diferente no Moçambique contemporâneo.

Vamos fazer estas breves reflexões em duas partes: uma primeira parte, abordando a problemática do pensar diferente ao longo dos tempos, e uma segunda, explorando o sentido desse pensar no Moçambique contemporâneo.

De Galileu a Voltaire

Uma primeira incursão sobre o tema deve levar-nos a alguma compreensão do que tenha sido “o pensar diferente” ao longo da História da humanidade.

E a pergunta de início é: estamos a falar de pensar diferente...de quê? Diferente da forma de pensar da nossa mãe? Diferente do pensar de amigos? Evidentemente que não. Estamos a falar do pensar diferente

do convencional; estamos a falar do pensar de uma forma que rompa com paradigmas estabelecidos. Estamos a falar de ousar exprimir opiniões alternativas às liturgias oficiais e consagradas; estamos a falar de atrever-se a colocar em dúvida velhas certezas; e a ver o mundo mais colorido do que com luzes cinzentas.

Estamos a falar do pensar que questione normas e cânones cristalizados; rituais e processos sacralizados na sociedade e, em particular, pelos poderosos. Pensar diferente é pensar criticamente sobre a realidade circundante, uma habilidade fundamental na formação de cidadãos mais conscientes, oferecendo suporte para a tomada de decisões equilibradas e assertivas

Pensar diferente há-de exigir, por isso, predisposição para arriscar; para quebrar o conformismo; sair da sua zona de conforto, procurando gerar novos conceitos, com os quais se possa transformar o *status quo*. O pensar cria e transporta ideias. E a forma material do pensar diferente é a exposição pública de ideias diferentes. De novas ideias. E novas ideias sempre assustaram o mundo, porque elas agitam o sossego das águas do mar.

As lutas que têm transformado a humanidade ao longo de séculos nascem do pensar diferente; da fecundação de ideias diferentes daquelas que sustentam velhos sistemas de organização política das sociedades. Por isso pensar diferente pode ser tão arriscado quanto colocar em causa poderes consolidados e endeusados. Tem sido assim desde que a História da Humanidade tem registo.

Se formos para a cristologia, iremos ver que o crime que Jesus terá cometido e pelo qual foi condenado e crucificado foi o seu pensar diferente, ao levar a palavra e o poder de Deus para junto do povo simples; para junto dos pobres; dos leprosos; dos ladrões; das mulheres e das prostitutas; e isso esvaziava o poder elitista dos sacerdotes, até então únicos dotados de conhecimento para interpretar, nos Templos, a palavra de Deus. Por isso teve Jesus aquele vai-e-vem, entre Herodes, o rei dos Judeus, e o Pôncio Pilatos, o governador colonial romano.

De resto, 399 anos antes de Cristo, o grande filósofo da Grécia Antiga, Sócrates, foi morto, obrigado a receber o cálice contendo **cicuta**, o veneno utilizado para a sua execução. Os poderosos acusaram o filósofo de *não reconhecer os deuses do Estado, de introduzir novas divindades e corromper a juventude* com as suas ideias.

Mas, como dizem os estudos, estas acusações apenas encobriam ressentimentos profundos contra o sábio ateniense, por parte das entidades dominantes, porque nos seus ensinamentos, Sócrates denunciava aos jovens a corrupção do poder político. E o que diríamos, se quiséssemos falar do quanto o pensar diferente – considerado heresia – foi atirado para fogueiras, na Europa, ao longo dos mais de 1000 anos da Idade Média:

desde a queda do império Romano (476 DC) até à descoberta da América, em 1492?

Não teríamos tempo suficiente, para recordar os crimes contra a humanidade cometidos pela Santa Inquisição, em que, por causa do seu pensar diferente – e saber científico – milhares de pensadores e de cientistas foram torturados até à morte ou queimados com suas obras em impiedosas fogueiras, pelo poder monopolizado pelos Eclesiásticos. Nessa senda, podemos dizer – mas que paradoxo! – que foi graças a Deus que o próprio Galileu Galilei escapou da fogueira da Santa Inquisição Romana, pois a Igreja de Deus tinha contestado as suas teorias heliocêntricas, segundo as quais são os planetas, incluindo a terra, que giram em torno do Sol – e não o contrário! Galileu foi julgado pelo Tribunal da Inquisição Romana, sob a acusação de “suspeito veementemente de heresia”. E foi mantido na prisão até à morte.

Mas se estas foram algumas das principais marcas do “sentido” que teve o pensar diferente, sobretudo na era medieval, a verdade, porém, é que a intolerância a ideias que desafiam as doutrinas oficiais percorreu a idade moderna até aos nossos dias: falamos, no início, de Antonio Gramsci. Este pensador italiano, líder fundador do Partido Comunista Italiano, foi preso pelo regime fascista de Mussolini, tendo passado 10 anos de cadeia, onde sairia com a saúde muito debilitada, tendo morrido, pouco depois, com apenas 46 anos de idade.

Devemos, entretanto, reconhecer um salto na História; um período de profundo alívio ao livre pensamento, que foi o Renascimento: não é por acaso que este período leva a designação de Século das Luzes. Um dos maiores percursos do Século das Luzes, Voltaire, viria a cristalizar o acolher do pensar diferente, através de uma frase que constitui o paradigma da tolerância, que é a seguinte:

“Eu posso não concordar com o que tu dizes; mas estou disposto a defender com a minha própria vida o teu direito de o dizeres”.

Era, pois, a celebração da tolerância ao pensamento diferente, que no plano jurídico-legal, cristaliza-se com a consolidação do instituto da liberdade de expressão, no seu sentido mais lato.

As “elites do atraso” e a sua “Muralha da China”

Vimos o quanto custou, ao longo da História, a ousadia de pensar diferente dos cânones e padrões oficiais. E então qual será o sentido de pensar diferente no Moçambique contemporâneo? Parece que qualquer resposta a esta pergunta implica uma compreensão do que seja “Moçambique contemporâneo”, isto é, o Moçambique do presente.

Como é que se caracteriza o Moçambique de hoje?

O período particular em que realizamos este evento, assinalando o dia mundial da Filosofia, parece caracterizar, de forma muito eloquente, o perfil social e político do Moçam-

bique contemporâneo. Este conflito eleitoral, em que estamos mergulhados, resume bem o perfil de um país em grave crise geral; de uma sociedade cujo corpo é atacado por um cancro violento; uma sociedade com as suas bases de sustentação abaladas, correndo, mesmo, o risco de, a qualquer momento, desabar!

E que causas estarão por detrás desta crise, cujo desfecho é ainda imprevisível? Parece que podemos identificar as raízes, as causas desta crise, num sistema de governação absolutamente bloqueado; um sistema de governo inadequado para garantir, minimamente, o cumprimento das três principais funções clássicas do Estado: a segurança do povo; a aplicação da justiça de forma igual para todos, e a promoção do bem-estar económico, social e cultural de todos os cidadãos. A segurança do povo e do seu território está gravemente ameaçada, por um lado. Por outro, o povo sente a justiça formal, a justiça dos tribunais, cada dia mais distante de si, e mais gravemente, a justiça social, a justiça distributiva, de acesso e benefício da riqueza nacional, cada dia mais distante, e reduzido a mera quimera.

A marca das desigualdades sociais aprofunda-se a cada dia, com o contínuo aumento do fosso entre um grupo que acumula riqueza de forma ostensiva e, por vezes, até escandalosa, e a vasta maioria, que se afunda na mais abjecta miséria. Num texto que publica na sua conta do Facebook, no dia 17 de Novembro corrente, o sociólogo Elísio Macamo faz uma caracterização deste grupo privilegiado, dando-lhe a designação, muito sugestiva, de **“elite do atraso ...** uma classe política que vive do acesso aos recursos do Estado para a sua própria reprodução – governo e oposição”.

Dias antes, falando no programa “Grande Entrevista” da STV, outro respeitado académico moçambicano, o pedagogo Brazão Mazula, tinha caracterizado este grupo como “alta burguesia que se serve do partido para se enriquecer. (Este grupo) não produz nada e não cria empresas nem empregos; é um grupo que vive longe do povo; está lá (no Partido) por *status*; para ganhar imunidade...”

É este o Moçambique contemporâneo em que assenta a presente crise eleitoral. E este contexto é sustentado por um discurso oficial que explora até à exaustão a legitimidade histórica, resultante da luta pela libertação da terra do jugo colonial, feito heróico de todo o povo moçambicano, entretanto privatizado por essa minoria predadora, e transformado em sua “muralha da China” com um fim claro: a manutenção do *status quo* do monopólio geral do poder, em todas as suas acepções.

E em que pode consistir um pensar diferente daquele instrumental à manutenção deste *status quo*?

Esse pensar diferente vai consistir em abordar, de forma tão honesta e franca quanto possível, as razões da crise profunda em que a sociedade moçambicana mergulhou. Vai consis-

tir em inquirir sobre a qualidade das políticas públicas aprovadas e a consistência da sua implementação. Pensar diferente vai consistir em negar a existência de Homens, Mulheres, leis ou regulamentos que sejam sagrados, portanto revestidos de intocabilidade bíblica, mesmo que comprovadamente hostis ao bem-estar geral e à vida harmoniosa na sociedade.

Pensar diferente no contexto contemporâneo de Moçambique pode consistir em advogar por um sistema de governo mais representativo dos cidadãos e dos seus legítimos interesses; por um sistema de governo mais adequado a uma distribuição mais equitativa do poder e dos recursos da Nação. Um sistema de governo com instituições menos vulneráveis à captura pelo crime organizado; instituições públicas protegidas de manipulações a favor de agendas e interesses privados, fora da lei e prejudiciais ao Bem Comum. Um pensar diferente apontando para um Estado de direito democrático, que promova a cidadania e políticas ousadamente concebidas para mitigar as desigualdades de género e as assimetrias regionais. Mas, no presente contexto, este pensar diferente não pode ser expresso livremente, sem consequências. Para todo o pensar diferente; para todo o pensar susceptível de provocar tremor aos paradigmas oficiais, de questionar de forma fundada o *status quo*, para esse tipo de pensamento, há-de sempre haver a correspondente... “santa inquisição”, com o seu séquito de arautos, a que o povo chama de “lambe-botas”. E esta Santa Inquisição” não precisa de ser legal, ou institucionalizada.

Esta “santa inquisição” cobra o custo da “ousadia” de pensar diferente. E o preço pode tomar múltiplas formas, como: a marginalização; a pura ostracização no local de trabalho; o bloqueio ao acesso a oportunidades públicas, como ascensão a cargos públicos; a promoções na carreira; ao acesso a concursos de obras públicas ou de prestação de serviços, entre outras. Tudo como forma de pressão para a desistência ou “rendição” daquele que ousar pensar diferente. E o lema é claro e simples: **“doa a quem doer”!**

No limite, o pensar diferente no Moçambique contemporâneo pode incluir a quebra das próprias pernas, fracturadas à paulada na berma de uma estrada. Ou mesmo o risco de ser privado de balas, no escuro da noite, senão mesmo em plena luz do dia.

Concluindo: pensar diferente no Moçambique contemporâneo, não sendo proibido por lei, ele não é, contudo, totalmente gratuito. Sobre tudo considerando uma sociedade em permanentes crises e todas mal resolvidas ou, simplesmente, escondidas como poeira debaixo do tapete: aquele que tiver a ousadia de levantar este tapete... deve contar com o risco de lá estar à sua espera um escorpião, pronto para o atacar com o seu venenoso ferrão. Pela sua ousadia!

*Comunicação preparada por ocasião do Dia Mundial da Filosofia, assinalado no dia 21 de Novembro de 2024.

Por uma intelectualidade de retaguarda



Por Boaventura Monjane

Este texto busca problematizar a tendência histórica de alguns intelectuais em assumirem o papel de vanguarda, quando este momento de crise política e social que abala Moçambique exige humildade, solidariedade e uma atitude de retaguarda.

Intelectuais da retaguarda não reivindicam o protagonismo; pelo contrário, trabalham para apoiar os verdadeiros protagonistas das mudanças sociais – os jovens, os marginalizados e os líderes populares. Inspirando-se em pensadores como Boaventura de Sousa Santos, esta postura sublinha que o papel do intelectual não é salvar ou liderar, mas sim fortalecer as bases do movimento, oferecendo ideias, estratégias e apoio crítico sem ofuscar as vozes populares.

Em Moçambique, muitos intelectuais conservadores e *mains-tream* têm historicamente mantido uma relação ambígua com o poder. Embora critiquem o regime em alguns momentos, raramente enfrentaram o esmagamento sofrido pelas massas marginalizadas. Esses intelectuais devem reconhecer que sua liberdade de expressão muitas vezes deriva de privilégios concedidos por um sistema

que, ao mesmo tempo, reprime as maiorias mais vulneráveis.

A actual crise moçambicana não é fruto de circunstâncias isoladas, mas de décadas de exclusão social, concentração de poder político e económico e corrupção institucionalizada. A democratização necessária vai muito além de reformas eleitorais; ela exige uma redistribuição radical de privilégios e uma transformação estrutural das relações de poder. Intelectuais que por vezes até se posicionam como críticos do governo muitas vezes negligenciam que suas análises se limitam às consequências superficiais, como a instabilidade gerada pelas manifestações, enquanto ignoram as causas profundas que levam as massas às ruas.

Este é um apelo a esses intelectuais: afastem-se da posição de protagonistas. É necessário abrir espaço para aqueles que sentem na pele os impactos das desigualdades. Conferências de reflexão compostas por intelectuais tradicionais, sem a inclusão das lideranças dos protestos, podem ser exercícios fúteis que perpetuam o paternalismo e a exclusão.

A crítica tem seu lugar, mas deve ser acompanhada por uma disposição genuína de colaborar. Quando intelec-

tuais criticam líderes dos protestos ou estratégias de resistência, é importante que reconheçam os direitos básicos que lhes são negados há anos. Milhões de moçambicanos têm enfrentado, ao longo de décadas, a exclusão sistemática de direitos fundamentais, como o acesso à saúde e à educação, muito antes de as actuais restrições de mobilidade terem começado a afectar a classe média urbana e os círculos intelectuais.

A colaboração com lideranças populares deve alicerçar-se na confiança e no respeito mútuo. Em vez de descredibilizar, denegrir ou procurar impor direções às manifestações, os intelectuais devem assumir uma postura de apoio estratégico, oferecendo análises profundas e propostas concretas que reforcem a coesão e a eficácia do movimento. Tal abordagem não só promove a autonomia das lideranças como também fortalece a legitimidade das lutas populares no seio da sociedade.

Moçambique precisa urgentemente de intelectuais da retaguarda, comprometidos com a amplificação das vozes do povo. Estes devem ser agentes de mudança que, em vez de reivindicar protagonismo, trabalham para fortalecer os alicerces da resistência. O futuro

político do país dependerá da capacidade de unir forças em torno de um projecto comum, longe das disputas de protagonismo e das tentativas de monopolizar o discurso intelectual.

A transformação que Moçambique necessita não será alcançada primariamente por meio de conferências excludentes. Exige-se uma abordagem renovada, em que os intelectuais abandonem o privilégio de se posicionarem como a “reserva moral” e adotem o papel de aliados críticos e solidários. Este compromisso deve assegurar que o discurso académico e público se torne um catalisador eficaz para a justiça social e política. Assim, evita-se que o debate sirva apenas para conter temporariamente as tensões do momento actual de crise política, enquanto as desigualdades estruturais permanecem intactas.

Jornalista. Investigador associado no Institute for Poverty, Land and Agrarian Studies, University of the Western Cape e membro do Grupo Internacional de Pesquisa sobre Autoritarismo e Estratégias de Contraposição da RLS (IRGAC). Membro co-fundador e Director Executivo da Alternativa - Acção Pela Emancipação Social. boa.monjane@gmail.com

SACO AZUL

Por Luís Guevane



Já sob o tsunami?

Se o calor das ruas, nas várias cidades e vilas de Moçambique, é produzido por manifestações pacíficas qual é, então, o valor acrescentado das balas verdadeiras, do gás lacrimogéneo, dos atropelamentos premeditados, escondidos nos legalismos que justificam a ilegalidade das mesmas? O prejuízo de manter a tradição de proibição de manifestações pacíficas redundou em custos que hoje se aproximam a duas centenas de mortos. A soruma do gás lacrimogéneo não poupou escolas e nem sequer hospitais. A “canábis” e outros entorpecentes animaram alguns vilões do filme de terror. Como diz o cantor: “parece mentira, mas é verdade”. O legalismo perdeu a oportunidade de democratizar um Estado de direito democrático diante de uma multidão unida que simplesmente reagiu à brutalidade de quem os devia acarinhlar e proteger. Os manifestantes simplesmente reagiram! É isso: à sétima chapada o povo reagiu, cansado de oferecer “a outra face”. O normal seria, como sempre, ouvir o anúncio da Co-

missão Nacional de Eleições (CNE) a atribuir vitória ao “vitorioso” de costume, soltar-se aqui e acolá um “barulho básico” sobre o roubo de votos e, finalmente, a martelada extremamente legalista do Conselho Constitucional (CC) fundada na “maioria” que suporta o “vitorioso”. É o roteiro do “martelamento” que as manifestações pretendem quebrar numa altura em que o Bispo já passou a bola vazia e disfuncional para o CC. A referida “maioria” já esfrega as mãos, armada de cara amarrada e um sorriso azul-venenoso, esperando que a saturação dos manifestantes provoque o tão esperado e induzido sono profundo.

O *momentum* pró-VM7 destapa muitas das supostas verdades partilhadas e discutidas entre políticos e académicos. Se Gaza, de Anastácio Matavel, regado por polícias com treze tiros dias antes do Outubro eleitoral de 2019, era bastião da Frelimo, hoje, na luta pela verdade eleitoral, dá mostras de ter perdido essa graça. A geração 2000 aproveitou a oportunidade para repor a verdade sobre essa consideração. Pode-se assim questionar se

não se construiu uma grande inverdade, repetindo mil vezes que Gaza é bastião da Frelimo. Com o “4x4”, novas páginas se abrem, para a percepção dos bastiões, sejam estes forjados ou não.

As manifestações, até ao final da 4ª fase da 4ª etapa 4x4, mostraram claramente uma situação de crescente agravamento. As mesmas, fortemente interiorizadas pelos moçambicanos, foram ganhando autonomia. Ainda que a aderência visível, a partir das redes sociais e no terreno, seja “mensurável”, temos a aderência não mensurável (bem mais significativa que a primeira). É esta última que tem desconstruído a narrativa de que as manifestações estão para os vândalos assim como estes estão para as manifestações. Nessa sequência emerge a solidariedade, engrossando os defensores da “causa” – outros vândalos. Trinta e pouco milhões de vândalos: uns activos, outros menos activos e, outros ainda, fingindo passividade. É notório o bloqueio de estradas, casos da EN1, EN4, entre várias outras; a multiplicação de acções de destruição física de vários postos policiais, sedes de partidos políticos, com maior

incidência ou foco para as do partido Frelimo; não se dissipam os constrangimentos na mobilidade automóvel por conta dos bloqueios já referidos; etc. No Sul, os que dizem que Matola é “outro país” e que, por exemplo, Maquinag e Casa Branca (White House) são cancelas a serem respeitadas nestas manifestações, acreditam que, de modo autónomo, entramos na velocidade de cruzeiro. Adaptamo-nos ao agravamento das manifestações. Vinte quilómetros de camiões imobilizados na “via de Ressano”, na origem do encerramento da fronteira por parte da África do Sul, estão nessa velocidade de agravamento. A economia sul-africana já se ressent e, por isso, começa a pressionar o lado político da solução. Por seu turno, a adrenalina bate à porta: como será o turbo V-8? Vamos mesmo prolongar o efeito nocivo da fraude eleitoral? O STAE e a CNE têm algo a dizer ou a meta foi cumprida? Como se ouve e de modo cada vez mais preocupante: “estão a acabar o povo”. A solução, meus caros, é urgente! Todos sabem qual é.

Chegou o momento de fortalecer o impacto da Lei*



Embaixadora da Suécia, Mette Sunnergren

Embaixadora dos Países Baixos, Elsbeth Akkerman

Alta Comissária do Canadá em Moçambique, Angola e Essuatíni, Sara Nicholls

Chefe Adjunta da Missão na Embaixada da Finlândia, Noora Rikalainen

Alta Comissária Britânica, Helen Lewis

Aos Líderes Políticos e à Sociedade Moçambicana, Celebramos, nesta terça-feira, 10 de Dezembro, o Dia Internacional dos Direitos Humanos e encerramos a campanha dos 16 Dias de Activismo contra a Violência Baseada no Género (VBG). Comemoramos também um marco importante para Moçambique: o 5º aniversário da Lei de Prevenção e Combate as Uniões Prematuras e Forçadas, aprovada em Outubro de 2019. Esta lei representa um progresso histórico, simbolizando o compromisso de Moçambique em proteger o futuro das raparigas. No entanto, passados cinco anos, apesar de existir um quadro jurídico exemplar, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que esse compromisso se traduza em realidade. As uniões prematuras e forçadas continuam a limitar e destruir a vida de muitas raparigas, e a comprometer a sua saúde, segurança e o seu potencial. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), quatro em cada dez raparigas já estiveram envolvidas numa união prematura antes de completarem 18 anos. O que faz com que Moçambique seja um dos países que têm uma das taxas mais altas de uniões prematuras do mundo. A evidência demonstra que a situação é mais dramática em áreas afectadas por conflitos. Em Cabo Delgado, as raparigas têm sete vezes mais probabilidade de serem forçadas a uma união antes dos 18 anos, em comparação com a cidade de Maputo.

As raparigas com quem temos conversado em todo o país, dão rosto a esta estatística. Dos relatos que ouvimos, percebemos

como elas são privadas da sua infância, do direito a educação e da oportunidade de construir o seu futuro. Nas raparigas que conseguiram escapar destas uniões, sentimos a vontade de superarem as suas limitações e continuar a investir na sua educação e fontes mais sustentáveis de renda. A união prematura não só viola os direitos humanos como, perpetua o ciclo de pobreza, compromete o progresso social e impede o desenvolvimento económico. O país já tem a base legal, contudo, persistem áreas para melhoria, é necessário um cumprimento rigoroso da lei e uma forte vontade política para garantir que esta e outras leis sejam efectivamente implementadas em todo país.

Ao mesmo tempo que se passam cinco anos da aprovação da Lei de Prevenção e Combate as Uniões Prematuras e Forçadas, passam-se também mais de 20 anos da adopção da Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos sobre Direitos das Mulheres em África (Protocolo de Maputo), que define normas que os Estados devem seguir na promoção e protecção dos direitos das mulheres. Nos últimos cinco anos, o país enfrentou grandes obstáculos que tiveram impacto agravado na vida das raparigas, como os ciclones Idai e Kenneth, a pandemia da COVID-19 e os conflitos em Cabo Delgado. Estas crises aumentaram a pobreza e a instabilidade, levando mais famílias a recorrerem as uniões prematuras como uma forma de sobrevivência. Isto enfatiza o facto de que, em tempos de crise, os mais vulneráveis são mais atingidos.

O Grupo de Diálogo Político de Alto Nível sobre as Uniões Prematuras e Forçadas é um

grupo informal de Embaixadoras e Altas Comissárias, com o compromisso de apoiar o Governo de Moçambique nos seus esforços para combater as uniões prematuras e forçadas, através de advocacia e diálogo político. Gostaríamos de apelar aos Líderes Políticos e a Sociedade Moçambicana para que assumam o compromisso da implementação integral da Lei como uma prioridade. Chegou o momento de fortalecer o impacto da Lei e apelamos a priorização dos pontos abaixo:

Aumentar a Conscientização Pública e a Educação: em muitas comunidades, as uniões prematuras e forçadas persistem devido a normas culturais profundamente enraizadas e à falta de conhecimento sobre as implicações legais. As campanhas nacionais precisam de ir mais longe, incluir também os rapazes, alcançando áreas remotas e de alto risco, com mensagens adequadas ao contexto culturalmente sensíveis para educar as comunidades sobre as consequências nocivas das uniões prematuras. A lei só pode ser eficaz quando as comunidades a compreendem e a apoiam.

Fortalecer o Papel dos Líderes Locais, Líderes Religiosos e Autoridades Tradicionais: os líderes tradicionais, comunitários e religiosos têm grande influência nas suas comunidades. Existem já esforços feitos pelos líderes religiosos para usarem a sua influência contra as uniões prematuras, isto é extremamente importante e deve ser encorajado. Continuar a envolvê-los como aliados na luta contra as uniões prematuras e forçadas pode ser transformador, oferecendo-lhes recursos e formação para que se tornem guardiões dos direitos das

mulheres e raparigas. As suas vozes podem ser poderosas na mudança de atitude face a esta forma de violência.

Ampliar o Acesso a Educação para as Raparigas: a educação é fundamental para acabar com as uniões prematuras e forçadas. No entanto, milhões de raparigas moçambicanas não têm acesso a escola devido a questões estruturais, socioculturais e económicas. Há que continuar a investir-se em opções de educação seguras e acessíveis, especialmente para raparigas em áreas rurais e afectadas por conflitos. Adicionalmente, considerar-se incentivos como apoio financeiro e bolsas para a participação e conclusão escolar. Cada ano que uma rapariga permanece na escola é mais um ano em que evita a união prematura.

Reforçar os Serviços de Protecção e Apoio para Vítimas: as raparigas forçadas as uniões devem ter acesso a justiça, serviços de saúde e aconselhamento. Abrigos seguros, assistência jurídica e serviços de apoio psicossocial devem estar amplamente e gratuitamente disponíveis, especialmente nas áreas de alta incidência. A criação de espaços seguros e o aumento do número de profissionais treinados para lidar com casos de uniões prematuras e forçadas são essenciais para a implementação eficaz da lei.

Aumentar os Recursos para a Aplicação da Lei e Processos Judiciais: apesar da existência da lei, a sua aplicação permanece fraca em muitas regiões do país. Para inverter essa tendência, é preciso garantir que os agentes da lei e membros do judiciário estejam devidamente treinados e equipados para lidar com estes casos. A polícia, os procuradores e juizes

devem ter as ferramentas e o conhecimento necessário para priorizar e tratar os casos com urgência e sensibilidade.

Acabar com as uniões prematuras e forçadas significa dar a cada rapariga a oportunidade de viver em segurança, realizar os seus sonhos, alcançar os seus objectivos e contribuir para o desenvolvimento da sociedade. As raparigas de Moçambique contam com todas e todos para que os seus direitos sejam protegidos de forma a garantir o seu futuro. Uma nação que coloca a rapariga no pulsar das suas políticas e investe nas raparigas, é uma nação próxima dum futuro próspero e equitativo.

Para finalizar, dada a actual situação política que se vive no país, gostaríamos também de apelar a todas as partes envolvidas a considerarem a igualdade de género como fundamental para alcançar a resolução de forma pacífica por via do diálogo, com o objectivo da unidade nacional, do desenvolvimento do país e do bem-estar do povo moçambicano.

***Artigo de opinião conjunto - Grupo de Diálogo Político de Alto Nível sobre as Uniões Prematuras e Forçadas (CEFM), nomeadamente, Elsbeth Akkerman, Embaixadora do Reino dos Países Baixos, Helen Lewis, Alta Comissária Britânica, Mette Sunnergren, Embaixadora da Suécia, Noora Rikalainen, Encarregada de Negócios da Embaixada da Finlândia e Sara Nicholls, Alta Comissária do Canadá. O título do artigo é a responsabilidade do SAVANA**

CAF volta a suspender o palco de acolher competições internacionais

ENZ “fora de jogo”

... a decisão verifica-se depois de o governo ter investido cerca de 50 milhões de meticais no melhoramento do campo

Pela segunda vez, em menos de cinco anos, a Confederação Africana de Futebol (CAF) voltou a irradiar o Estádio Nacional de Zimpeto (ENZ) a colher jogos internacionais devido a problemas técnicos derivadas da falta de manutenção.

Propriedade do governo de Moçambique, o ENZ está sob gestão do Fundo de Promoção Desportiva (FPD), uma entidade tutelada pela Secretaria do Estado e Desporto (SED).

Segundo a CAF, pesaram para a interdição problemas de iluminação, relvados e os torniquetes.

Com a decisão, o ENZ deixa, a partir do dia 16 de Dezembro, de acolher competições internacionais, situação que, em grande medida afecta a equipa de Black Bulls, que neste momento está envolvida na disputa da fase grupos da taça CAF.

Foi no ENZ que, no último domingo, os “touro” empataram com poderosíssima equipa de Al-Masry do Egipto por uma bola, conquistando o seu primeiro ponto em dois jogos.

Após o fim do jogo, a equipa egípcia protestou junto a CAF devido às condições do campo, sobretudo o relvado e a iluminação.

No entender dos egípcios, os últimos minutos do jogo foram feitos com muitas dificuldades, porque a iluminação era precária. No pro-



CAF volta a interditar o ENZ pela segunda vez em cinco anos

testo, os egípcios dizem que o golo do empate da Black Bulls, marcado no tempo de compensação da segunda parte, derivou em grande parte das dificuldades de visibilidade da parte do guarda-redes visitante.

Na realidade, nem todas as lâmpadas montadas nas quatro torres acendem, o que cria sombras dentro do relvado.

Devido à onda de manifestações pós-eleitoral que assolam o país

desde o passado dia 21 de Outubro, a direcção da Black Bulls decidiu por um jogo a porta fechada por questões de segurança. Isto fez com que não houvesse necessidade de contagem de adeptos. Contudo, no seu relatório, a CAF aponta a avaria e falta torniquetes para vedar o campo de acolher jogos de alta competição. Torniquetes são peças usadas para a contagem de adeptos no estádio.

Os primeiros torniquetes foram

montados em 2011 e custaram ao governo mais de quatro milhões de meticais. Até 2020 os mesmos estavam completamente fora do serviço. Isso valeu a interdição do estádio para jogos internacionais. Segundo o diário electrónico, Carta de Moçambique, datada de 22 de Agosto de 2023, entre 2020, 2021 e 2022, o governo através do FPD investiu pouco mais de 47,5 milhões de meticais na reabilitação do ENZ.

Recordar em 2022, o governo apresentou um plano de reabilitação do ENZ que compreendeu duas fases. Segundo a SED, a primeira fase consistiu na colocação da nova relva natural, torniquetes, reposição de tanques de água subterrâneos, manutenção de geradores, reposição de iluminação, sistema sonoro e do funcionamento de telas gigantes, assim como a reabilitação dos balneários das equipas dos árbitros.

A segunda fase compreendeu a colocação de vedação exterior e a reposição dos sanitários públicos. Contudo, apesar do elevado volume de investimento, o ENZ mostra-se cada vez mais degradado.

Actualmente, são necessários 13 milhões de meticais para a reposição da relva no ENZ.

Assim, com a interdição do ENZ, a partir do dia 16 de Dezembro, a Black Bulls terá de encontrar outro lugar para realizar seus jogos das competições internacionais no próximo ano. O mesmo sucede com a Federação Moçambicana de Futebol (FMF) que tem um jogo caseiro dos Mambas em Março do próximo ano, de qualificação ao Mundial de futebol de 2026, diante do Uganda, a contar para a quinta jornada do grupo G.

O jogo deste domingo, envolvendo a equipa de Black Bulls e o Enyimba da Nigéria, será o último naquele espaço.

De qualidade ao nível da Europa

Portugal entre os maiores “fornecedores” de jogadores

Portugal está entre os maiores “fornecedores” de jogadores de qualidade da Europa e este mercado

não tem fugido à regra, quanto a movimentações de talentos lusos entre clubes estrangeiros e de cá para fora. As expectativas são mesmo as melhores, e em alguns casos bastou entrarem em acção nas primeiras jornadas dos respectivos campeonatos para darem os primeiros passos de sucesso.

João Neves foi um dos mais badalados nos últimos dias, depois das duas assistências que desbloquearam o resultado contra o Le Havre, numa altura em que se verificava um empate. No final do jogo, em declarações à Imprensa, a reacção do técnico Luiz Enrique foi sintomática: “Descrevo-o como uma energia pura ao serviço da equipa. Vamos ajudá-lo. Tem qualidades de mobilidade, coragem para entrar na área, passe final, defesa. Os adeptos vão adorá-lo”. Ao lado de Vitorino, o ex-jogador do Benfica não podia ter desejado melhor início com a

camisola do Paris Saint-Germain. João Neves tem aqui uma enorme margem de progressão e com a atitude que habituou a estar em campo, é bem possível que seja até um dos maiores destaques desta temporada.

Entre os jogadores de sucesso, há um que já nem é uma novidade, mas que continua a encantar, como é o caso de Bernardo Silva. Jogador de grande inteligência táctica e técnica, o internacional português desempenha várias funções no meio-campo e no ataque, destacando-se pela sua consistência e criatividade e a habilidade para manter a posse de bola, ou criar oportunidades de golo, como a que criou ao desviar subtilmente a bola para Haaland fazer o primeiro golo do Manchester City. Aliás, com essa assistência, Bernardo igualou o recorde de assistências (43) de Nani na Premier League. Guardiola não se cansa de o elogiar e de sublinhar até que ponto ele se torna indispensável na equipa. Não se estranha, por isso, que tenha sido eleito homem

do jogo e que repita esse destaque mais vezes ao longo da temporada. Diogo Jota também brilhou ao marcar pelo Liverpool, num lance muito bem desenhado pelos “reds”, que terminou com Salah a servir o português no corredor central. Depois de ter chegado ao final da pré-temporada sem lesões, Diogo Jota está no bom caminho para se destacar no Liverpool de Slot.

Entre os portugueses com grandes perspectivas de se afirmarem, esta temporada surge ainda Pedro Neto. O extremo que esteve no último Europeu deixou os Wolves e assinou pelo Chelsea, um clube que o vai obrigar a elevar a farsa ainda mais alto e desafiá-lo, sem dúvida. Mas Pedro Neto já mostrou qualidade para isso e os “blues” podem proporcionar-lhe os palcos certos para brilhar.

Numa perspectiva semelhante surge João Félix, que o Chelsea também contratou e que terá ali mais uma oportunidade para concretizar todo o talento que lhe é reconhecido. Fica o novo desafio

pela frente e o Atlético de Madrid definitivamente para trás, com a certeza de que esta será uma oportunidade a não desperdiçar, se quiser continuar a ser uma aposta ao mais alto nível, depois dos sucessivos “equivocos” que têm marcado a carreira dele.

Entre os portugueses de sucesso, Bruno Fernandes será sempre um dos incontornáveis e depois de ter renovado contrato com o Manchester United, estará ainda mais motivado. Sendo um dos capitães do United, Bruno Fernandes tem-se destacado pela sua visão de jogo, capacidade de passe e habilidade em marcar golos de longa distância. Com a liderança que imprime e uma contribuição regular em golos e assistências, o português será essencial para o sucesso do United nesta temporada.

Na verdade, no que diz respeito à Premier League, as odds já começam a ser lançadas. Seja fã do Bernardo Silva ou do Bruno Fernandes, já pode fazer as suas apostas na equipa vencedora da copa. Por

fim, João Palhinha é mais um português sobre quem recaem grandes expectativas, conseguida que foi a transferência para o Bayern Munique, depois de um campeonato da Europa onde esteve em muito bom plano. O desafio que vai abraçar na Alemanha é grande, mas também neste caso, o que não lhe falta é talento para corresponder e destacar-se. A sua afirmação na equipa será importante, sobretudo numa época em que os bávaros vão lutar para recuperar o título alemão.

O que não falta são jogadores portugueses com potencial para se destacarem ao longo da temporada, como Rúben Dias (Manchester City), João Cancelo (Manchester City), Rafael Leão (Milan), Vitorino e Nuno Mendes (Paris SG) e muitos outros. Contudo, o foco promete incidir, sobretudo, em jogadores como João Neves, Pedro Neto e João Palhinha, um trio que abraça esta temporada novos e aliciantes desafios nas respetivas carreiras.



Eu

Mais um evento do ACP & mais uma prova



Georgino Pedroso, Paulo Oliveira, Mike Braun e o Rui Sousa



Que imagem maningue nice do Paulo no seu ISUZU



O ACP em grande nas 24horas TT em VILA DE FRONTEIRA 2024!!!



Parabéns Ferroviário de Maputo!

LEIA S F FAVOR: Não queria perder a oportunidade de lembrar a morte e homenagear o Carlos Cardoso. Em contrapartida, recordar ao Marcelo Mosse que uma forma de homenagear o Carlos Cardoso, será perpetuar os princípios que ele propagava como pessoa e Jornalista de primeira água: o Direito ao Contraditório. Isso quer dizer, que quando se menciona o nome de alguém obrigatoriamente e deontologicamente, deve-se dar direito ao contraditório, a essa mesma pessoa...

É o teu Cartão.

Que te habilita a prémios.

Quanto mais usares o teu cartão de débito e/ou de crédito em pagamentos iguais ou superiores a 500,00 MT nos POS daki, mais chances tens de ganhar nos sorteios bimestrais do BCI.



1º Prémio Computador Portátil | 2º Prémio Televisor 65 Polegadas | 3º Prémio Barra de Som

Preçário Cartões de Crédito:

Comissão de emissão: 240 MT
Anuidade: Platinum: 6.000 MT | Gold: 1.600 MT
Classic: 800 MT | Tako: 300 MT
Taxa de juro mensal: Platinum: 2.74% | Gold: 3.24%
Classic: 3.35% | Tako: 4.16%

Preçário Cartões de Débito:

Comissão de emissão: GRÁTIS
Anuidade: Private: 850 MT | Exclusivo: 600 MT | BIO: 550 MT
Comissão de Levantamento SIMORede: 9.50 MT
Comissão de Levantamento Internacional: 250 MT
Pagamento de Serviços: GRÁTIS
Consulta de Saldos/Movimentos: GRÁTIS
Transferências: Contas BCI: 25 MT | Contas SIMORede: 120 MT | Mobile: 25 MT

Campanha válida de 1 de Outubro de 2024 a 31 de Março de 2025.
Sorteio válido para os cartões indicados acima. Aplicam-se comissões conforme o preçário em vigor. Para mais informações sobre as condições de adesão, consulte o seu gestor, a linha fala daki através do número grátis 800 224 224 ou www.bci.co.mz

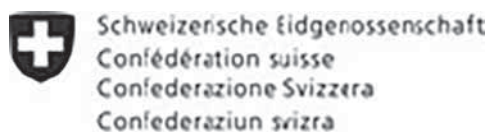
BCI
É daqui

REDACTOR

O JORNAL PREPARADO PARA O LEITOR MAIS EXIGENTE.

RESERVE A SUA SUBSCRIÇÃO ATRAVÉS DO

✉ correiodamanha@tv cabo.co.mz
✉ c/c de redactormz@redação.com



Embaixada da Suíça em Moçambique

Anúncio de Concurso para implementação do projecto "Governança Local de Terra & Recursos Naturais (LAGO)"

A Embaixada da Suíça em Moçambique, no âmbito da sua cooperação bilateral na área da Governança, lançou um concurso público para seleccionar um (ou vários) parceiro(s) para desenvolver e implementar o projecto "Governança Local de Terra & Recursos Naturais (LAGO)" em Moçambique.

O projecto tem em vista a implementação da nova Política de Terras (2022), no sentido de reforçar os esforços das comunidades locais no registo das suas terras, bem como a sua integração nos sistemas de cadastro distrital de terras. A primeira fase deste projecto terá início em junho de 2025 para uma duração de 4 anos (até maio de 2029).

Com o esforço será criada uma infraestrutura distrital de dados espaciais acessível e funcional para a produção, partilha, publicação e utilização de dados geoespaciais. Paralelamente, o projecto trabalhará com as autoridades locais, comunidades e actores da justiça, para reivindicar os seus direitos e utilizar eficazmente os benefícios da exploração dos recursos naturais, uma vez que a lei exige que o Estado redistribua às comunidades locais uma percentagem específica das receitas fiscais da exploração desses mesmos (20% para os recursos florestais e faunísticos e 2,75% para os recursos minerais).

As organizações interessadas devem manifestar o seu interesse até ao dia 20 de Dezembro de 2024, através do envio de um e-mail a Embaixada da Suíça; maputo.tender@eda.admin.ch solicitando o respectivos "Documento de Concurso".

As propostas técnicas e financeiras, devem ser enviadas por e-mail na língua inglesa até ao dia 17 de janeiro de 2025.

Maputo, 18 de Novembro de 2025



Resumo do Observador Rural N° 151

**AS NOVAS FRONTEIRAS DO CARVÃO EM MOATIZE: CONFLITUALIDADES
E CRISE DE REPRODUÇÃO SOCIAL ENTRE AS FAMÍLIAS "CAMPONESAS"**

(English version available)

Alberto Tovele

10 de Dezembro de 2024

Para uma leitura do texto veja em:

<https://omrmz.org/observador/or-as-novas-fronteiras-do-carvao-em-moatize-conflitualidades-e-crise-de-reproducao-social-entre-as-familias-camponesas-english-version-available/>

RESUMO

A aquisição de grandes extensões de terra para agricultura, produção de biocombustíveis, plantações florestais, mineração e desenvolvimento de áreas de protecção no meio rural tem sido considerada como um meio de penetração de capital no meio rural. Estes projectos são aclamados nos discursos, tanto dos investidores, como dos governos dos países-alvo, que apontam para os possíveis benefícios dos mesmos, como a promoção do emprego, o aumento da produtividade e do crescimento económico, para o desenvolvimento local.

A partir de uma combinação de técnicas de colecta e análise de informação (revisão bibliográfica, entrevistas, inquérito por questionário, observação participante, análise de conteúdo, tratamento de estatística descritiva), a presente pesquisa explora os processos de concessão de terra em grande escala em Moçambique, especificamente os destinados à implantação de projectos de investimento na mineração. O estudo analisa, por um lado, as actividades da Vale Moçambique no distrito de Moatize, na província de Tete, com enfoque sobre as questões de compensação e de indemnização das famílias locais. Por outro lado, retirada da Vale, da Vulcan como nova proprietária dos activos. São igualmente explorados alguns dos mecanismos de compensação, emprego e responsabilidade social empresarial que surgem no contexto de concessão de terra em grande escala.

Os resultados de pesquisa indicam que, nos últimos anos, a mineração em Moatize está na origem de transformações socio-espaciais e conflitos diversos. Com frequência, o Estado Moçambicano aparece a legitimar a usurpação de terras das populações pelas empresas de mineração. O avanço das fronteiras do carvão, dada a expansão das áreas da mina de carvão em Moatize, intensificou a crise de reprodução social, que ocorre numa base diária e inter-geracional, nas famílias cujos principais meios de subsistência eram obtidos na agricultura e na produção de tijolos. Esta expansão mineira agudizou também as conflitualidades entre as mineradoras e as comunidades em torno das compensações incumpridas. Conclui-se que os mecanismos de compensação definidos pelas empresas têm sido ineficazes e insuficientes para compensar a perda de terra. As empresas têm usado a responsabilidade social empresarial como uma contramedida ao risco social.



Resumo do Observador Rural N° 152

MULTIDISCIPLINARIDADE DAS CAUSAS E DOS CONFLITOS.

O CASO DE MOÇAMBIQUE

(English version available soon)

João Mosca

10 de Dezembro de 2024

Para uma leitura do texto veja em:

<https://omrmz.org/observador/or-152-multidisciplinaridade-das-causas-e-dos-conflitos-o-caso-de-mocambique-english-version-available-soon/>

RESUMO:

O texto procura fundamentar que a compreensão dos conflitos necessita de análises multidisciplinares sobre as causas dos mesmos, necessariamente multifacetadas. Igualmente, defende que as causas e os efeitos alimentam-se e reforçam-se mutuamente, com relações de causalidade que variam no tempo e no espaço.

Os factores e os conflitos em Moçambique, têm implicado ciclos de crises económicas e sociais agudas que se refletem na variabilidade do crescimento económico, dos equilíbrios macroeconómicos, na pobreza e desigualdades sociais e territoriais, em indicadores sociais reflectidas internamente e nos rankings internacionais (índice de desenvolvimento humano, da pobreza, das desigualdades, nas áreas da educação, saúde, etc., dos direitos humanos, da democracia, entre outros). Para além destes e de outras posições nos rankings internacionais, a imagem externa (e interna) do país, tem evoluído através de classificações pouco dignificantes, como a de um Estado frágil, financiador o terrorismo, país de tráfico de droga.

O grau de influência dos conflitos e as dinâmicas entre factores, efeitos e tipos de conflito, podem alterar e/ou aprofundar os efeitos e consequências políticas, económicas, sociais e de sustentabilidade ambiental. Para maior aprofundamento desses graus de influência necessários estudos quantitativos que ajudariam a definição e importância das políticas públicas.



INSCRIÇÕES ABERTAS PARA O ANO LECTIVO 2025

LICENCIATURAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS

- Licenciatura em Engenharia Ambiental e Gestão de Desastres
- Licenciatura em Engenharia e Gestão Industrial
- Licenciatura em Engenharia e Gestão de Tecnologias de Informação e Comunicação
- Licenciatura em Engenharia e Gestão de Energias Renováveis e Recursos Petrolíferos
- Licenciatura em Engenharia e Gestão da Construção Civil

Novos Cursos

- Licenciatura em Engenharia e Gestão de Cibersegurança
- Licenciatura em Engenharia e Gestão de Transportes e Logística
- Licenciatura em Engenharia e Gestão Mecatrónica

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E SOCIAIS

- Licenciatura em Administração e Gestão de Empresas
- Licenciatura em Gestão Financeira
- Licenciatura em Gestão de Recursos Humanos
- Licenciatura em Contabilidade e Auditoria

Novo Curso

- Licenciatura em Gestão de Marketing e Relações Públicas

FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS

- Licenciatura em Ciências Jurídico – Forenses
- Licenciatura em Ciências Jurídico – Económico – Empresariais
- Licenciatura em Ciências Jurídico – Político – Constitucionais

MESTRADOS

- Mestrado em Direito do Trabalho
- Mestrado em Finanças e Comércio Internacional
- Mestrado em Docência e Gestão do Ensino Superior
- Mestrado em Direitos Humanos Desenvolvimento Económico e Boa Governação
- Mestrado em Engenharia e Gestão de Energias Renováveis
- Mestrado em Gestão de Recursos Humanos e Liderança

Novo Curso

Mestrado em Engenharia Ambiental e Gestão de Risco e Desastres

DOUTORAMENTOS

- Doutoramento em Paz, Democracia, Movimentos Sociais e Desenvolvimento Humano

Novo Curso

- Doutoramento em Riscos Complexos

Para mais informações, os Interessados Podem se Dirigir ao Registo Académico da UDM

TURNOS:
Diurno e Nocturno



Av. Albert Luthuli, 408/438 • Tel.: 21302 102/16
Fax. 21 302 107 • Cel: 82 305 5176 / 82 305 5167 / 82 305 5178
Email: informacao@udm.ac.mz • www.udm.ac.mz
Maputo - Moçambique

Onde quer que vá, estamos consigo.



Habilite-se a ganhar uma viagem de 7 noites ao Dubai, três smartphones iPhone 15 e 5 prémios em dinheiro até 195.000 MZN.

Transaccione um mínimo de 15.000 MZN por mês para ser elegível aos sorteios mensais.

Faça um upgrade do seu cartão, duplique as suas chances de ganhar e receba mais pontos.

Condições de acesso: Titularidade de uma conta de Depósito à Ordem em meticais no Millennium bim; Não ter registo de incidentes; Capacidade de endividamento; Custos associados (Cartão de Crédito Gold): Emissão normal - Grátis; Anuidades - 1.500 MZN; Substituição - 700 MZN; Taxa de Juro Anual: 36%; Comissão de Cash Advance: 5% (Mín. 250 MZN); E-commerce: Grátis; Consulta de saldo sem impressão no país: Grátis; Consulta de saldo com impressão fora do país: primeiras duas por mês: Grátis, subsequentes: 6 MZN; Consulta de saldo no estrangeiro: 40 MZN. Taxa de juro aplicáveis sobre o saldo em dívida (revolving) – Simulação: Montante de revolving: 50.000 MZN; Taxa de Juro Anual: 36%; Taxa de Juro Anual Efectiva Global: 48.60%. Termos e condições aplicáveis. Mais informação consulte o regulamento da campanha no website ou num Balcão do Millennium bim. Data de validade da campanha 31 de Dezembro de 2024.

VISA

**Millennium
bim**

aqui consigo



NO INFORMAL

Pedro Madruga (Texto)

13ª Cambalhota ou fogo pós-eleitoral?

- O que mais me dói nesta tristeza é a incerteza do nosso amanhã...
- Nunca te dei razão assim de bandeja prima, mas desta vez confirmo, sem pestanejar.
- Logo nós que passamos anos e anos a cantar que somos Continuadores; nós que percorremos quilómetros e quilómetros desde-desde até ao canto mais distante deste país, a trabalhar, a poupar, a sonhar e hoje estamos aqui neste pântano de incertezas, filha. Mas eu acredito no bom senso de cada um de nós...
- Mas Zefa, tu que tens a fama de fintar o destino, como podemos fazer desta vez?
- Eish, filha. Mesmo o meu latim está a faltar, quanto mais essas equações quadráticas que passei a vida a cabular na escola... Está difícil, é verdade. Mas deixa-me fazer dois telefonemas...
- Oraite, primo. O tempo é teu. Avança!

*

- O que é aquilo, Zefa?
- O que tu também. Será que és cega ou quê?
- Cega, cega não sou Zefona. Maigode! Quando te ouvi pela primeira vez pensei que estivesse a ver umas imagens de lá de malta Síria, Somália. Afinal somos nós aqueles?
- Verdade-verdadinha. Somos muito-nós estes, filhota
- Custa-me muito ficar a olhar e a ver, sem poder fazer nada. Custa-me sinceramente: esquadras, sedes de partidos políticos, bens públicos e privados, até portagens são palcos improvisados?
- Infelizmente é isso, Divina. O que aumenta a minha tristeza é isso mesmo, filhota - eu não sei explicar em quinhentas a uma criança, o que vai ser o futuro deste país...
- Se tu não sabes explicar em quinhentas, Zefa. Him, se tu não sabes, imagina uma eu e os nossos colegas daqui do Lounge e todos os nossos amigos desde a Continuadores? Mas como amanhã é a nossa vez de tomar café com a tia Lulú, talvez uma coisinha vamos perguntar-saber...
- Oh, estava a esquecer desse convite. Afinal amanhã não é hoje po-cá-de-quê?





IMAGEM DA SEMANA

Ilec Vilanculo



Manifestações:

Mina de grafite de Balama suspende actividade

A mina de grafite de Balama, na província de Cabo Delgado, Norte de Moçambique, anunciou, quinta-feira, a suspensão da sua operação, activando a cláusula de “force majeure”, devido a perturbações provocadas na área por manifestações, informou a Syrah, grupo australiano da empresa subsidiária que opera o empreendimento.

“A Syrah aconselha a sua subsidiária Twigg Exploration and Mining, Limitada [Twigg] a declarar a ‘force majeure’ em relação à sua operação de grafite de Balama, em Moçambique, ao abrigo do seu acordo de mineração com o Governo de Moçambique”, lê-se numa nota de imprensa a que o SAVANA teve acesso.

“Protestos a nível nacional, associados ao processo eleitoral, estão a provocar perturbações em todo o país, afectando também operações mineiras”, continua a nota de imprensa.

O texto avança que as tensões relacionadas com as eleições gerais estão a prejudicar significativamente a capacidade do Governo de travar protestos ilegais que estão a decorrer em Balama.

“Pessoal da área operacional da mina de Balama foi desmobilizado do acampamento e o contrato com os serviços de segurança continua na fábrica”, diz-se no texto.

Na sequência dos distúrbios, prossegue, o movimento de pessoas e bens e o acesso e operações na fábrica têm estado interrompidos.

A Syrah nota que as acções de protesto em Balama começaram com um pequeno grupo de camponeses, que se queixam do programa de reassentamento e arrancaram em Setembro de 2024, impedindo a capacidade da Syrah de conduzir as operações na mina.

“Antes das eleições gerais em Moçambique, em 09 de Outubro de 2024, e depois do anúncio dos resultados das eleições gerais, as acções de protesto continuaram, com segmentos da população local não envolvidos no processo de reassentamento de Balama reivindicando questões e objectivos sem relação nenhuma com a companhia”, adianta-se na nota.

A Syrah realça que as manifestações têm sido pacíficas e sem sinais de acções que visam a destruição deliberada da fábrica ou equipamentos em Balama. “Esforços incessantes da companhia para uma resolução positiva das acções de protesto através da lei e de diálogo construtivo com as autoridades governamentais moçambicanas, líderes comunitários e protestantes fracassaram, até ao momento”, refere o comunicado. A Syrah diz que o Tribunal Distrital de Balama emitiu uma decisão impedindo alguns indivíduos envolvidos

nas manifestações de acções danosas para a empresa.

A empresa vai pedir ao tribunal a execução da ordem judicial, acrescenta a nota.

“Não está claro se a providência cautelar será executada pelas autoridades distritais e se será eficaz na retirada dos referidos indivíduos do grupo de manifestantes”, destaca-se.

A Syrah diz que confia no governo moçambicano na imposição da lei e na garantia do Estado de Direito e da livre circulação de pessoas e bens para e de Balama, ao abrigo do Acordo de Mineração

A empresa sublinha que vai continuar a trabalhar intensamente com as autoridades moçambicanas, comunidades e trabalhadores para a retoma das operações em Balama o mais rapidamente possível.

“A companhia reconhece que a resolução dos protestos em Balama vai levar tempo, devido às manifestações que decorrem em todo o país e pelo facto de o novo Governo em Moçambique apenas tomar posse em Janeiro de 2025”, refere-se.

Os impactos e a duração das acções de protesto levaram a companhia a situações de incumprimento no pagamento de empréstimos à United States International Development Finance Corporation (DFC) e à United States Department of Energy (“DOE”).

À HORA DO FECHO

Diz-se... Diz-se



- Em momento de gestão, o Engenheiro vai manter-se dentro com diferentes segmentos da sociedade, no que deve ser interpretado como uma tentativa desesperada em busca de solução para a crise pós-eleitoral em que o país está mergulhado. Mas, julgando pelo que vem lá das bandas do Museu, é ainda um caminho longo.
- Parte da razão é que por aquelas bandas, ainda se está na fase de explicação às partes interessadas, sobre o intrincado processo que está a ser seguido para se chegar a uma eventual verdade eleitoral. Lá irão os juristas compulsar os seus manuais de Direito Eleitoral para ver onde está previsto tal procedimento.
- E claro que por tudo quanto se tem dito, pode não haver verdade eleitoral de espécie alguma, dada a indeterminada quantidade de editais cujos dados não correspondem aos traços verticais que foram escritos no quadro preto na noite de 9 de Outubro.
- Perante uma luta legítima do povo contra a nova vaga da opressão neocolonial, os ideólogos do regime tentam desenvolver a narrativa de que se trata de uma conspiração urdida por forças externas que precisam de implantar um regime mais fraco para permitir o saque dos recursos naturais do país. A realidade, porém, é que todo o capital externo que opera neste país tem os seus aliados locais; e quem são?
- Se é inquestionável a legitimidade da luta pela verdade eleitoral e contra a corrupção e má gestão da coisa pública, não é menos legítimo questionar algumas das práticas que têm sido tomadas em nome dessa mesma luta. A destruição de infra-estruturas públicas e privadas, incluindo estabelecimentos de ensino e hospitalares, e o impedimento da circulação de pessoas e bens, mesmo fora das horas estabelecidas pelos promotores da revolta, roçam a um processo de sabotagem económica de cujas consequências ninguém neste momento se quer dar ao trabalho de contemplar.
- O grau de confiança em relação às instituições do Estado atingiu níveis tão baixos que em reuniões oficiais, os convidados já nem se atrevem a beber água.
- Para toda a retórica anti-ocidentalista que emanava da antiga classe no poder em Damasco, rimando com a narrativa da guerra fria do seu patrono, não deixou de ser surpreendente a colecção das mais consagradas marcas da indústria automóvel ocidental, bem estacionadas na cave do palácio presidencial que agora acaba de trocar de inquilinos.
- Para quem julgasse que o nosso príncipe fosse o único amante das mais altas cilindradas, fica claro que não é o caso. Há tantos outros maníacos pelo mundo fora. A única diferença é que os outros pelo menos constroem estradas à altura para os seus brinquedos de estimulação, contrariamente a esta elite parasitária que não se importa de fazê-los mergulhar nos vários buracos que servem de adorno ao asfalto.
- Depois da sua queda, no último Domingo, o homem forte de Damasco rumou secretamente para o exílio, onde foi muito bem acolhido e alojado em aposentos que, não sendo tão glamorosos como o palácio que para trás ficou, são de qualquer modo decentes. Só que com pendentes ainda não fechados, nem chá deve aceitar dos seus anfitriões.
- Porque um embaixador das neves e dos queijos anda cojitado para facilitar o amaciamento do líder 4x4, outra embaixadora das neves vikings foi tomada por engano, merecendo honras de conclave pelo ministro que prometeu mão dura sobre os “protestatários”, um novel vocábulo em difusão na espalhafatosa. Vamos ver quem leva a água ao moinho...

Em voz baixa

- O líder do Podemos soma e segue. No âmbito das cogitações logo foi vaticinado para trair VM7 por três dinheiros mal aconteceram eleições. Depois iria ser engolido pelo policial com voz de serpente. Não aconteceu. E esta semana, depois de café televisionado, sem direito a água por causa do síndrome Wilker, não que o político em ascensão deu a volta por cima aos doutores?

Qual é o programa?

Cenas em família

Nesta quadra festiva, a melhor programa é em família. Mantém-te ligado e assiste a uma variedade de conteúdos. DStv, a tua casa de entretenimento.

Termos e Condições aplicáveis